



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS

MATHEUS CRISTIANO

**Análise dos principais produtos hortifrutigranjeiros comercializados na
CEASA/SC – São José nos anos de 2018 e 2019**

Florianópolis
2020

Matheus Cristiano

**Análise dos principais produtos hortifrutigranjeiros comercializados na
CEASA/SC – São José nos anos de 2018 e 2019**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Cledimar Rogério Lourenzi.

Coorientador: Prof. Dr. Jucinei Jose Comin.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cristiano, Matheus

Análise dos principais produtos hortifrutigranjeiros comercializados na CEASA/SC - São José nos anos de 2018 e 2019 / Matheus Cristiano ; orientador, Cledimar Rogério Lourenzi, coorientador, Jucinei Jose Comin, 2020.

82 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Agroecossistemas. 2. CEASA. 3. Origem dos Hortifrutigranjeiros. 4. Comercialização . I. Lourenzi, Cledimar Rogério . II. Comin, Jucinei Jose . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas. IV. Título.

Matheus Cristiano

**Análise dos principais produtos hortifrutigranjeiros comercializados na
CEASA/SC – São José nos anos de 2018 e 2019**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Oscar Rover, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Tadeu Luis Tiecher, Dr.
Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Restinga

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Agroecossistemas.

Prof. Ancângelo Loss, Dr.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Cledimar Rogerio Lorenzi, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2020

Dedico este trabalho aos meus pais, a minha
companheira e a todos aqueles que estiveram do meu
lado durante essa caminhada.

Agradecimentos

A Deus, e a todos os “anjos” que nos protegem diariamente.

Aos meus pais Jói Antônio Cristiano e Sandra Sandra Salete Custódio Cristiano, minha Irmã Karla Cristina Cristiano e meu Cunhado Roger dos Passos, pois são a base para tudo, apesar da convivência reduzida devida à distância. A minha companheira Maíza dos Santos que esteve presente pacientemente ao meu lado, nos momentos de “depressão” e nos momentos de irritação, me incentivando e apoiando, meu muito obrigado.

À todos os amigos e pessoas que de alguma forma me ajudaram, e aqueles que mesmo de longe foram responsáveis pela minha formação.

Ao meu orientador Cledimar Rogério Lourenzi, que foi um dos grandes incentivadores nos momentos de extrema dificuldade, sabendo intervir nos momentos corretos, para que esse trabalho chegasse ao final. Você é o responsável por eu ter continuado e finalizado essa jornada.

À todos os meus colegas dos tempos de laboratório, pois todo ambiente que reúne pessoas, traz crescimento, de alguma forma, pois o aprendizado não se resume às apostilas, e ao conhecimento teórico/prático adquirido, onde as atitudes individuais nos forma como pessoas e futuros profissionais.

Aos meus colegas de trabalho, em especial ao Gerente de Mercado Thiago Nunes Teixeira, do qual além de um grande amigo, um excelente líder, Diretor Técnico Albanez de Sá, que me passou ensinamentos muito valiosos que acrescentaram e muito na minha vida profissional, aos orientadores de Mercado Fernando dos Santos, Luciano Severo, Helton Inácio, Daniel de Andrade, e a todos que acompanharam e incentivaram a continuar na luta, mesmo quando as coisas estavam difíceis.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por proporcionar estrutura de excelência, cumprindo seu papel como uma instituição pública e de qualidade.

Às Centrais de Abastecimento do Estado de Catarina, que além de me acolher como funcionário, liberou a utilização dos dados e apoio técnico para a elaboração deste trabalho.

À CAPES por financiar 2 meses de bolsa, além disso, por subsidiar a permanência de cientistas no Brasil, sendo uma instituição de extrema importância para a produção científica do País.

RESUMO

A comercialização de produtos hortifrutigranjeiros é de fundamental importância para a segurança alimentar da população, assim como para garantir a permanência do produtor rural no campo, por isso, foram criadas as Centrais de Abastecimento (CEASA's), responsáveis por garantir que não haja desabastecimento de produtos em uma determinada região em que a ocorrência dos mesmos não seja a tradicional ou esteja na entressafra. Essas variações de origens nas ofertas impactam em variações nas cotações dos produtos, devido a diversos fatores adicionais, causando alta nos preços. O trabalho teve por objetivo avaliar o comportamento da origem dos dezesseis produtos com maiores volumes de entrada na Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina – São José, nos anos de 2018 e 2019, assim como a cotação média mensal a nível de atacado destes produtos. A CEASA/SC – São José presta diversos serviços diretos e indiretos, dentre eles a coleta de notas fiscais em suas portarias de entrada, sendo obrigatória a apresentação da nota fiscal da carga para que seja permitida a entrada do caminhão (estritamente para fins estatísticos) e a cotação de preços a nível de atacado (para auxiliar na formação de preços do mercado), alimentando um banco de dados que servirá de base para o presente estudo. Foram selecionados dezesseis produtos considerados os de maior relevância por conta do volume de comercialização: abacaxi (*Ananas comosus*), banana (*Musa spp.*), batata doce (*Ipomoea batatas*), batata inglesa (*Solanum tuberosum*), cebola (*Allium cepa*), cenoura (*Daucus carota*), chuchu (*Sechium edule*), laranja (*Citrus sinensis*), maçã (*Malus domestica*), mamão (*Carica papaya*), manga (*Mangifera indica*), melancia (*Citrullus lanatus*), pepino (*Cucumis sativus*), repolho (*Brassica oleracea var. capitata*), tangerina (*Citrus reticulata*) e tomate (*Solanum lycopersicum*). Esses produtos representaram cerca de 70% do total comercializado nos anos de 2018 e 2019. O estado de Santa Catarina foi a origem de 32,6 e 30,7% desses produtos nos anos 2018 e 2019, respectivamente; São Paulo por 23,4 e 25,8%; Rio Grande do Sul por 15,1 e 14,7%; Bahia por 8,5 e 8,3%; e Paraná por 6,6% e 6,2%. Isso evidencia que para determinado grupo dos produtos estudados, a sazonalidade acarreta em variação de preços pagos a nível de atacado, sendo relacionada a oferta deste por outras regiões, porém para outros grupos de produtos, essa relação de sazonalidade não foi observada, sendo o preço praticado influenciado por outras variáveis.

Palavras-chave: Origem dos hortifrutigranjeiros, Cotação de preços, comercialização.

ABSTRACT

The commercialization of horticultural products is of fundamental importance for the food security of the population, as well as to guarantee the permanence of the rural producer in the field, that is why the Supply Centers (CEASA's) were created, responsible for ensuring that there is no shortage of products. in a certain region in which the occurrence of them is not the traditional one or is in the off-season. These variations in the origins of the offers impact on variations in the quotations of products, due to several additional factors, causing high prices. The objective of this work was to evaluate the behavior of the origin of the sixteen products with the highest volumes of input in the Supply Center of the State of Santa Catarina - São José, in the years 2018 and 2019, as well as the average monthly quotation at wholesale level of these products . CEASA / SC - São José provides various direct and indirect services, including the collection of invoices at its entrance ordinances, and the presentation of the cargo invoice is mandatory in order to allow the truck to enter (strictly for statistical purposes) and the price quotation at the wholesale level (to assist in the formation of market prices), feeding a database that will serve as the basis for this study. Sixteen products were selected, considered the most relevant due to the volume of sales: pineapple (*Ananas comosus*), banana (*Musa spp.*), Sweet potato (*Ipomoea potatoes*), English potato (*Solanum tuberosum*), onion (*Allium cepa*), carrot (*Daucus carota*), chayote (*Sechium edule*), orange (*Citrus sinensis*), apple (*Malus domestica*), papaya (*Carica papaya*), mango (*Mangifera indica*), watermelon (*Citrullus lanatus*), cucumber (*Cucumis sativus*), cabbage (*Brassica oleracea var. capitata*), tangerine (*Citrus reticulata*) and tomato (*Solanum lycopersicum*). These products represented around 70% of the total marketed in the years 2018 and 2019. The state of Santa Catarina was the source of 32.6 and 30.7% of these products in the years 2018 and 2019, respectively; São Paulo by 23.4 and 25.8%; Rio Grande do Sul by 15.1 and 14.7%; Bahia by 8.5 and 8.3%; and Paraná by 6.6% and 6.2%. This shows that for a given group of products studied, seasonality leads to a variation in prices paid at wholesale level, being related to the supply of this by other regions, however for other groups of products, this seasonality relationship was not observed, being the practiced influenced by other variables.

Keywords: Origin of fruit and vegetables, Price quotation, commercialization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização das Centrais de Abastecimento de Santa Catarina	18
Figura 2. Organograma Administrativo da CEASA.....	19
Figura 3. Localização CEASA/SC – Unidade São José (A) e Vista aérea dos pavilhões da CEASA(B).	29
Figura 4. Setor Não-Permanente da CEASA, pavilhão do Produtor, popularmente conhecido como “Pedra”.	29
Figura 5. Setor Permanente da CEASA, faixa de uma das empresas, popularmente conhecidos como “boxes”.	30
Figura 6. Participação percentual por centro de origem/estados dos 16 produtos mais comercializados na CEASA entre 2018 e 2019.....	32
Figura 7. Origem, por estado, do abacaxi comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	33
Figura 8. Total de abacaxi comercializado no setor não-permanente da CEASA/SC - São José entre 2018 e 2019.	34
Figura 9. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do abacaxi nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	35
Figura 10. Origem, por estado, do mamão comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	36
Figura 11. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do mamão nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	37
Figura 12. Origem, por estado, da manga comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	38
Figura 13. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da manga nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	39
Figura 14. Origem, por estado, da batata inglesa comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	40
Figura 15. Total de batata inglesa comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	41

Figura 16. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da batata inglesa nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	42
Figura 17. Origem, por estado, da cebola comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	43
Figura 18. Total de cebola comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	43
Figura 19. Total comercializado e preço médio de comercialização a nível de atacado da cebola nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	44
Figura 20. Origem, por estado, da cenoura comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	45
Figura 21. Total de cenoura comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	46
Figura 22. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da cenoura nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	47
Figura 23. Origem, por estado, da laranja comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	48
Figura 24. Total de laranja comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	48
Figura 25. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da laranja nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	49
Figura 26. Origem, por estado, da maçã comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	50
Figura 27. Total de maçã comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	51
Figura 28. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da maçã nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	52
Figura 29. Origem, por estado, da melancia comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	53

Figura 30. Total de melancia comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	53
Figura 31. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da melancia nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	54
Figura 32. Origem, por estado, do pepino comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	55
Figura 33. Total de pepino comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	56
Figura 34. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do pepino nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	57
Figura 35. Origem, por estado, da tangerina comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	58
Figura 36. Total de tangerina comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	58
Figura 37. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da tangerina nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	59
Figura 38. Origem, por estado, do tomate comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	60
Figura 39. Total de tomate comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	61
Figura 40. Total comercializado e preço médio de comercialização a nível de atacado do tomate nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	62
Figura 41. Origem, por estado, da banana comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	63
Figura 42. Total de banana comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.....	64
Figura 43. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da banana nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	65

Figura 44. Origem, por estado, da batata doce comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	66
Figura 45. Total de batata doce comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	66
Figura 46. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da batata doce nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	67
Figura 47. Origem, por estado, do chuchu comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	68
Figura 48. Total de chuchu comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	69
Figura 49. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do chuchu nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	70
Figura 50. Origem, por estado, do repolho comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.	70
Figura 51. Total de repolho comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	71
Figura 52. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do repolho nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.	72

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	14
2. HIPÓTESES.....	17
3. OBJETIVOS.....	17
3.1 Objetivo geral	17
3.2 Objetivos específicos	17
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	17
4.1. Origem e função da Central de Abastecimento	17
4.2. Comercialização de hortifrutigranjeiros na CEASA	20
4.3. Centro de origem e importância dos principais produtos comercializados na CEASA	21
4.3.1. Abacaxi.....	22
4.3.2. Banana	22
4.3.3. Batata-doce.....	23
4.3.4. Batata inglesa	23
4.3.5. Cebola	24
4.3.6. Cenoura.....	24
4.3.7. Chuchu	24
4.3.8. Laranja.....	25
4.3.9. Maçã	25
4.3.10. Mamão.....	26
4.3.11. Manga	26
4.3.12. Melancia	26
4.3.13 Pepino	27
4.3.14. Repolho	27
4.3.15. Tangerina	28
4.3.16. Tomate.....	28
5. MATERIAL E MÉTODOS	28

5.1 Descrição e caracterização do local de estudo	28
5.2 Obtenção dos dados	30
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
6.1. Produtos não tradicionais	32
6.1.1 Abacaxi.....	33
6.1.2 Mamão	35
6.1.3 Manga.....	37
6.2 Produtos catarinenses com sazonalidade	39
6.2.1 Batata-Inglesa.....	39
6.2.2 Cebola	42
6.2.3 Cenoura.....	44
6.2.4 Laranja.....	47
6.2.5 Maçã	50
6.2.6 Melancia	52
6.2.7 Pepino	54
6.2.8 Tangerina	57
6.2.9 Tomate.....	59
6.3 Produtos Catarinenses Tradicionais.....	62
6.3.1 Banana	62
6.3.2 Batata-Doce	65
6.3.3 Chuchu.....	67
6.3.4 Repolho	70
6.4 Discussão Geral	72
7. Considerações finais	74
REFERÊNCIAS.....	76

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

As centrais de abastecimento surgiram para facilitar o acesso aos alimentos pelas populações urbanas, sendo implantadas pelo governo federal, na década de 1960. Elas foram criadas como ferramenta de segurança alimentar, tornando-se importantes no desenvolvimento do mercado de hortifrutigranjeiros, proporcionando as primeiras informações referentes ao comportamento da oferta de produtos, preços, serviços de classificação, de padronização e tecnologias de comercialização (HORTIFRUTI BRASIL, 2006).

A Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina (CEASA/SC) foi inaugurada em 1978, na cidade de São José, localizada estrategicamente às margens da BR 101, para estar próximo a uma via de acesso rápido e assim cumprir sua função de distribuição e abastecimento de alimentos. Com o desenvolvimento dos centros urbanos, outras duas unidades foram inauguradas, a primeira na cidade de Blumenau, em 5 de novembro de 1992, e a segunda na cidade de Tubarão, em 20 de dezembro de 1994, ajudando na logística de distribuição e atendendo outras regiões do estado.

Além de fomentar a estrutura que garante um ponto estratégico de encontro dos produtos hortifrutigranjeiros e dos distribuidores, com a função de promotora da agricultura catarinense, a CEASA/SC – São José, a partir de agora tratada somente por CEASA, atua como corresponsável à outras instituições. Nesse sentido, atua como garantidora de que, em suas dependências, as legislações e normas técnicas sejam atendidas, prestando assistência e orientações aos seus usuários, criando normas internas e regulamentações que norteiam as relações e modos de comércio e operação, além daquelas já estabelecidas em Regulamento de Mercado, documento este que rege e norteia as operações realizadas dentro da CEASA.

Os principais serviços prestados diretamente pela CEASA dizem respeito ao espaço fornecido para concentração de produtos, em volume suficiente para garantir o abastecimento regular das demandas de hortifrutigranjeiros, sendo dividida em Setor Permanente (boxes) e Setor Não-Permanente (pedra). O Setor Permanente é composto pelas empresas do ramo do hortifruti que garantem o abastecimento de produtos que não são tradicionais, ou que não estão na época de colheita no estado de Santa Catarina, ou seja, que possuem origem em outros estados do Brasil. Os espaços permanentes são licitados e cedidos como direito de uso mediante

pagamento de lance inicial, aluguel mensal por m² do boxe e taxa de condomínio, referente à limpeza, consumo de água, energia e, principalmente, destinação de resíduos. Já no setor Não-Permanente, que é um setor exclusivo para o produtor rural de SC, somente podem ser comercializados produtos com origem catarinense. O produtor rural que faz uso do setor não-permanente tem acesso, através de cadastramento prévio, a um sorteio dos espaços dos pavilhões, tendo renovação mensal, e com um custo muito menor do que aquele pago pelos boxes, servindo como uma forma de incentivo à agricultura familiar.

Os serviços indiretos, resumidamente, visam garantir que as normas e leis sejam cumpridas dentro dos espaços gerenciados pela CEASA, tais como a cobrança de nota fiscal na entrada das mercadorias, cumprimento das leis sanitárias para exposição e comercialização dos produtos, combate e prevenção ao trabalho infantil, cumprimento das legislações de rastreabilidade dos produtos vegetais e parcerias e cumprimento de Termos de Ajuste de Conduta (TAC's), junto ao Centro de Apoio Operacional do Consumidor (CCO), do Ministério Público de Santa Catarina. É também responsável pela coleta anual de 200 amostras de produtos comercializados na central e realização de análise de resíduos de agrotóxicos, para verificar e garantir que os produtos ali comercializados não estão em desconformidade com as legislações sanitárias vigentes, quanto aos princípios ativos dos agrotóxicos utilizados nas culturas. Em resumo, a CEASA tem papel fundamental no abastecimento de hortifrutigranjeiros no estado de Santa Catarina, fornecendo uma estrutura com oferta regular de produtos, mantendo os preços estáveis e garantindo uma logística de transporte e distribuição.

A formação de preços dos produtos comercializados na CEASA se dá por diversos fatores, diversas relações comerciais dentro da cadeia de produção e comercialização, uma vez que as relações trabalhistas, os eventos climáticos, os custos de produção, o volume de comercialização do estabelecimento, a qualidade do produto, a escala de produção de uma determinada região, os custos de transportes, e também a clássica oferta e demanda, as quais são influenciadas pela época de colheita, ou seja, a sazonalidade, assim como o centro de origem do produto, pois os preços de produtos que não são tradicionalmente produzidos em SC sofrem variação com a distância e época de colheita. Além da oferta e dos custos de transporte, a margem de lucro dos diferentes elos da cadeia influencia o custo final, sendo que

quanto maior o número de elos da cadeia em que o produto passa, maior o custo ao consumidor final.

Dessa forma, estudar a dinâmica de comercialização dos principais hortifrutigranjeiros na CEASA se torna importante para entender como o centro de origem dos produtos afeta o volume comercializado nos setores Permanente e Não-Permanente e a variação de preço ao longo do ano. Para isso, foi selecionado um grupo de 16 produtos que foram responsáveis por, aproximadamente, 70% do volume total comercializado na CEASA, nos anos de 2018 e 2019, sendo eles: abacaxi (*Ananas comosus*), banana (*Musa spp.*), batata doce (*Ipomoea batatas*), batata inglesa (*Solanum tuberosum*), cebola (*Allium cepa*), cenoura (*Daucus carota*), chuchu (*Sechium edule*), laranja (*Citrus sinensis*), maçã (*Malus domestica*), mamão (*Carica papaya*), manga (*Mangifera indica*), melancia (*Citrullus lanatus*), pepino (*Cucumis sativus*), repolho (*Brassica oleracea var. capitata*), tangerina (*Citrus reticulata*) e tomate (*Solanum lycopersicum*).

O estudo busca demonstrar como o centro de origem dos produtos afeta a oferta ao longo do ano em cada setor e como isso influencia na variação dos preços de comercialização a nível de atacado. Os centros de origem dos produtos foram delimitados pela unidade federativa do Brasil, constante na origem da nota fiscal entregue na entrada dos produtos à CEASA, pois em casos de aquisição destes, pelo setor permanente, de outras CEASA's ou distribuidores, não há como determinar que os produtos são colhidos no estado, porém, sofrem influência direta dos centros de produção, como a vinda do produto mamão da Bahia e Abacaxi de Pernambuco e Pará. Além disso, o estudo dos setores (Permanente e Não Permanente) possibilitará verificar quais dos 16 hortifrutigranjeiros são produzidos tradicionalmente em SC e em que volume, servindo para indicar o melhor momento de comercialização. As informações também serão úteis para as empresas de assistência técnica e extensão rural, que poderão orientar o desenvolvimento de tecnologias e potencialidades para a produção de determinadas culturas, em épocas mais adequadas do ano, podendo ainda ser uma ferramenta para mercados e/ou beneficiadores de produtos hortifrutigranjeiros, utilizando-se destas informações para tomada de decisões quanto o tipo de produto a oferecer aos clientes. Por fim, como os dados obtidos pela CEASA não são sistematicamente publicitados, o presente trabalho ajudará na sua divulgação e dará amplo conhecimento público dos mesmos.

2. HIPÓTESES

i) A variação de oferta dos produtos, em relação ao seu centro de origem /estado de origem, é um fator que influencia diretamente nos preços praticados mensalmente pelos usuários da CEASA na comercialização destes.

ii) A diminuição da oferta dos produtos comercializados no setor não-permanente, com origem obrigatória em SC, acarretará em aumento do preço de comercialização, pois haverá maior oferta de produtos oriundos de outras regiões do Brasil no setor permanente.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Avaliar o comportamento da origem dos dezesseis produtos com maiores volumes de entrada na Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina – São José, nos anos de 2018 e 2019, assim como a cotação média mensal a nível de atacado destes produtos.

3.2 Objetivos específicos

i) Verificar o centro de origem dos 16 principais hortifrutigranjeiros comercializados na CEASA durante 2018 e 2019;

ii) Avaliar o comportamento dos setores permanente e não-permanente da CEASA em relação à sazonalidade da oferta de hortifrutigranjeiros, com base nos 16 produtos elencados para o estudo;

3) Verificar o comportamento do preço médio a nível de atacado, dos 16 produtos elencados para o estudo, em suas variações de origem por estados e da sazonalidade nos anos de 2018 e 2019.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1. Origem e função da Central de Abastecimento

A Central de Abastecimento do Estado Santa Catarina (CEASA) foi inaugurada em agosto de 1978, situando-se na cidade de São José – SC, às margens da BR 101, disponibilizando uma estrutura para promover a agricultura familiar e o

desenvolvimento da comercialização do setor agropecuário, bem como garantir a distribuição de alimentos e a segurança alimentar das áreas urbanizadas. Com o passar do tempo e com a formação de outros conglomerados urbanos, surgiu a necessidade de implantar outras unidades da CEASA, para que a distribuição de alimentos atendesse às demandas destes locais mais distantes da região central do Estado. Com isso, foram criadas outras duas filiais, localizadas em Tubarão e Blumenau, conforme a Figura 1. Uma outra unidade, localizada em Joinville – SC, e que está sob comando da prefeitura municipal daquele município, está em transição para ser incorporada aos cuidados da CEASA, que é subordinada ao estado de Santa Catarina, pela Secretaria do Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural.

Figura 1. Localização das Centrais de Abastecimento de Santa Catarina



Fonte: CEASA/SC

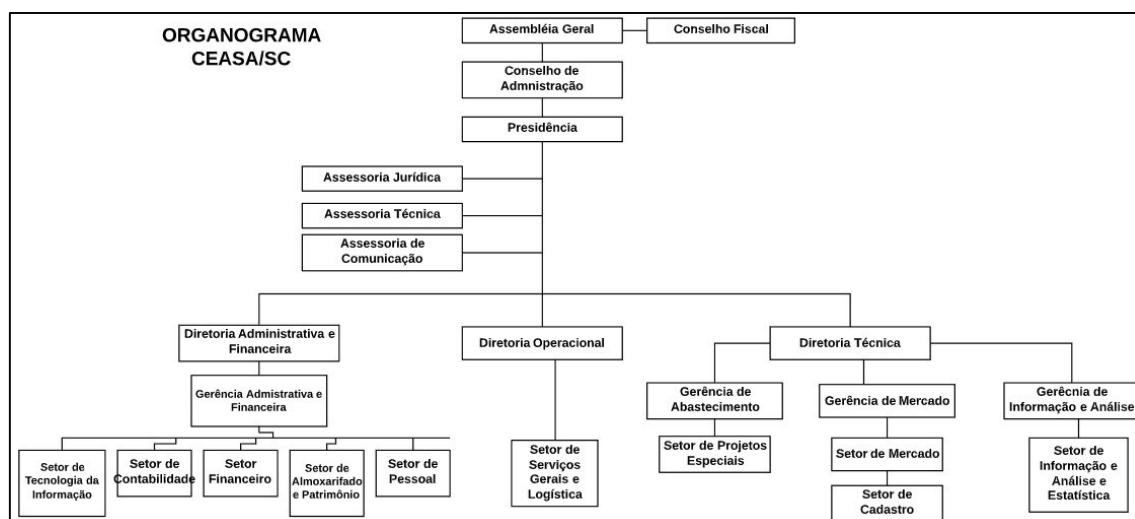
A CEASA conta com três pavilhões destinados ao produtor rural, denominado Setor Não-Permanente (pedra), e seis pavilhões para comercialização de produtos por empresas, denominado Setor Permanente (boxes). A CEASA atua, principalmente, no aluguel de espaços para produtores e empresas, em que os produtores pagam apenas pelo aluguel diário da pedra e os boxistas pagam o Termo de Permissão Remunerada de Uso da Ceasa (TPRU). Além desses custos, há o rateio do condomínio (água, limpeza, manutenção), em que os empresários pagam 70% das

despesas e a CEASA arca com 30%, visando beneficiar os agricultores cadastrados na empresa, contribuindo para a promoção da agricultura catarinense.

O acesso a esses espaços é realizado de forma transparente e justa, de modo a seguir o rito de licitações para os espaços Permanentes e um cadastro para os produtores rurais, em que é exigida uma série de documentos comprobatórios de que o produtor é genuinamente catarinense, e no qual se compromete a trazer apenas produtos de origem Estadual, diferente do setor Permanente, em que é liberada a comercialização de produtos com origem dos demais estados brasileiros.

A CEASA classifica-se como uma empresa de economia mista do estado de Santa Catarina, vinculada à Secretaria do Estado de Agricultura, Pesca e do Desenvolvimento Rural, possuindo organograma estrutural administrativo composto por Conselho Fiscal e Administrativo, Diretor-Presidente, Diretor Administrativo e Financeiro, Diretor Técnico e Diretor de apoio Operacional, citados por ordem hierárquica. Ou seja, as decisões, além de passarem pelo escopo do Governo, passam pela aprovação dos conselhos fiscal e administrativo, seguindo para tanto, o Estatuto Social e o Regimento Interno (CEASA/SC, 2019), conforme Figura 2.

Figura 2. Organograma Administrativo da CEASA.



Fonte: CEASA/SC (2019) modificado pelo autor

A CEASA não se resume ao papel de “Síndico”, prestando diversos serviços diretos e indiretos. Os serviços diretos versam sobre a mediação nas operações comerciais, estudos das cadeias produtivas, cotações de preços, assistência aos produtores e boxistas, dentre outros. Já os serviços indiretos são aqueles prestados

visando apoiar as outras empresas e entidades do setor público, orientando e cobrando as normativas e leis em vigor e zelar para o seu efetivo cumprimento. Exemplo disso é a rastreabilidade da cadeia produtiva em que, além do auxílio no cadastramento dos produtores rurais no sistema *e-origem* e acompanhamento com as dúvidas acerca do programa, são realizadas diversas ações de fiscalização para garantir a efetiva implantação do sistema.

Além disso, a exigência de notas fiscais para qualquer produto que entra na CEASA contribui tanto para os serviços indiretos, quanto para os diretos. Outro importante serviço indireto prestado é o combate ao trabalho infantil, pois frequentemente são realizadas campanhas de conscientização e são afixadas placas e avisos nas dependências da CEASA alertando da proibição dessa prática.

Quando casos efetivos de trabalho infantil são flagrados, comunica-se o fato à entidade responsável e registra-se a ocorrência internamente. A CEASA ainda tem parceria firmada com o SESC/Mesa Brasil, para doar alimentos a famílias em situação de vulnerabilidade, permitindo aproveitar alimentos que não teriam mais vida útil de prateleira nos mercados, mas que ainda apresentam aptidão ao consumo (CEASA/SC, 2019).

Dessa forma, a CEASA presta serviços de primeira necessidade à população catarinense, garantindo um ponto de distribuição de alimentos, atuando como mediadora de transações comerciais, garantindo o cumprimento das legislações vigentes e prestando serviços de informação e análise de mercadorias. Além disso, tem uma função social importantíssima, pois as entidades de apoio à pesquisa e extensão rural, muitas vezes, tem diminutos recursos voltados para a área de comercialização, onde a CEASA desempenha papel importante, pois disponibiliza local exclusivo e condições facilitadas para a comercialização de produtos da agricultura catarinense, diretamente pelo produtor rural, proporcionando um local com grande visibilidade por partes de compradores, conferindo melhores retornos financeiros, por retirar alguns elos da cadeia de comercialização.

4.2. Comercialização de hortifrutigranjeiros na CEASA

A comercialização pode ser entendida como o conjunto de operações na ação de transferir bens ou serviços do produtor primário ao consumidor final, onde o mercado de hortifrutis se dá pela passagem dos produtos (frutas, verduras e legumes) pelos elos da cadeia, desde o agricultor até o consumidor (HOFFMANN, 1976).

Em estudo sobre os agentes que compõe o mercado da CEASA, Henkes (2006) salienta que a comercialização se estabelece em fluxos contrários, ou seja, nos mostra a relação do pagamento por um bem ou serviço, como exposto abaixo:

“Considera-se que a comercialização engloba identificação e análise de todas as atividades e instituições necessárias à transferência dos bens e serviços dos locais de produção aos de consumo, envolvendo dois fluxos em sentido contrário: a) fluxo físico: de bens e serviços ou no caso, de produtos agropecuários do produtor ao consumidor, ou de insumos, dos locais de produção ao produtor agropecuário; b) fluxo financeiro: de dinheiro”.

No mercado de hortifrutigranjeiros uma característica diferente e muito importante é a urgência em que os produtos têm que chegar à mesa do consumidor, como destacado por Hoffmann (1976), o qual destaca a diferença entre os “comodities”, com características de tecnologias avançadas de armazenagem e com a previsão de entregas futuras, frente à perecibilidade da maioria das frutas e hortaliças, destacando assim, o papel das CEASA's como ente centralizador, dando celeridade à distribuição. Essa necessidade de entrega imediata aponta para a sazonalidade da oferta destes produtos no mercado, pois sua armazenagem para posterior comercialização fica praticamente inviável, sendo que a oferta deste grupo de vegetais corresponde com suas épocas de plantio e colheita.

4.3. Centro de origem e importância dos principais produtos comercializados na CEASA

Para o presente estudo foram selecionados os 16 produtos com maiores quantidades de entrada nas dependências da CEASA, nos anos de 2018 e 2019, sendo eles: abacaxi, banana, batata doce, batata inglesa, cebola, cenoura, chuchu, laranja, maçã, mamão, manga, melancia, pepino, repolho, tangerina e tomate. Esses produtos representaram, respectivamente, 68 e 72% do total dos produtos comercializados na CEASA nos anos de 2018 e 2019, podendo-se assim considerar uma boa amostragem para inferir sobre o comportamento do mercado. Além disso, esta lista de produtos apresenta os principais hortifrutigranjeiros produzidos e consumidos mundialmente, dentre os quais, alguns são destaques na produção Catarinense.

A produção de hortifruti-granjeiros é de fundamental importância para a manutenção do pequeno agricultor nas áreas rurais, principalmente nas cidades próximas aos grandes centros, onde a demanda destes produtos é maior. A correta escolha das culturas e das épocas de produção, para se ter o produto disponível em épocas de melhores preços, pode ser uma forma de potencializar os ganhos dos agricultores. Isso pode ser obtido por meio da orientação via calendário de sazonalidade de produtos, tendo como fonte a base de dados da CEASA, que poderá demonstrar as melhores épocas para se ofertar produtos para a população e ter melhores retornos, assim como as redes supermercadistas podem usufruir dessas informações e oferecer “produtos da época” com preços mais acessíveis.

Por meio dessa base de dados que a CEASA dispõe, pode-se ainda inferir sobre a importância da Empresa em outras áreas da cadeia produtiva, mais especificamente da comercialização, comparando os totais comercializados nas dependências da unidade São José com origem em Santa Catarina, os preços médios praticados e centro de origem dos produtos.

4.3.1. Abacaxi

O abacaxi tem seu centro de origem indefinido, mas acredita-se que sua origem deu-se no Brasil, norte da Argentina e Paraguai, com uma grande quantidade de espécies reconhecidas na Amazônia, podendo essa ser considerada como um centro de diversificação (IAC, 1998).

No Brasil, a região com maior importância na produção anual é a Norte, com 601 mil Mg, seguida da região nordeste, com 593 mil Mg, enquanto a região sudeste aparece na terceira posição com 475 mil Mg no ano de 2018 (IBGE, 2018). Dentre os estados, o Pará aparece como maior produtor, com produção de 426 mil Mg, seguido do estado da Paraíba, com 334 mil Mg, enquanto Santa Catarina apresenta pouca representatividade na produção de abacaxi, com apenas 263 Mg em 2018 (IBGE, 2018).

4.3.2. Banana

A banana é uma das frutas mais consumidas pela população mundial, tendo sido originada na Ásia e, posteriormente, difundida por praticamente todos os países tropicais. Pertence à família das Musáceas e é cultivada em todos os estados brasileiros, desde o litoral até os planaltos no interior (BORGES, 2006).

Em termos de produção mundial, Baptistella, Coelho e Ghobril (2019), em estudo realizado através do Instituto de Economia Agrícola (IEA) do Estado de São Paulo, com dados obtidos na base de dados da FAO (2017a), constataram que os maiores produtores mundiais desta fruta foram Índia, China, Indonésia e Brasil, os quais produziram, em 2017, as quantidades de 30,5; 22,8; 7,2 e 6,7 milhões de Mg, respectivamente.

O estado de São Paulo foi o maior produtor nacional com, aproximadamente, 1 milhão de Mg, seguido pelos estados da Bahia e Santa Catarina, responsáveis por produzirem 866 e 712 mil Mg, respectivamente (BAPTISTELLA; COELHO; GHOBRI, 2019; APUD IBGE, 2017).

4.3.3. Batata-doce

A batata-doce é uma importante fonte alimentar dos países em desenvolvimento, visto que é uma planta que exige baixo custo de investimento na implantação e manutenção das lavouras, sendo muito nutritiva e considerada a principal fonte de segurança alimentar em países subdesenvolvidos (SILVA; LOPES; MAGALHÃES, 2008).

A China é o principal país produtor de batata-doce do mundo, produzindo cerca de 57,8% do total mundial, correspondendo a 53,2 milhões de Mg em 2018. O Malawi é o segundo maior produtor mundial, seguido por Nigéria e Tanzânia, com produções de 5,6; 4,02 e 3,8 milhões de Mg, respectivamente (FAOSTAT, 2018). O Brasil é o principal produtor na América do Sul, sendo que em 2018 produziu 741 mil Mg, segundo IBGE (2018) e FAO (2018). Os principais estados produtores são o Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará e Paraná, sendo responsáveis por produzirem 175 (23,6%), 149 (20,1%), 72 (9,7%) e 61 (8,2%) mil Mg de batata-doce, respectivamente. Santa Catarina ocupa a 11ª colocação no ranking nacional, contribuindo com uma produção de 14 mil Mg em 2018.

4.3.4. Batata inglesa

A batata inglesa é originária dos Andes e foi introduzida na Europa após o ano de 1500, tornando-se uma das bases alimentares daquele tempo. Atualmente, a batata inglesa figura como uma das quatro mais importantes espécies alimentares cultivadas no mundo, ficando atrás apenas do arroz, do trigo e do milho (ABBA, 2018). Segundo o IBGE (2018), foram plantados no Brasil 119.117 ha, totalizando 3.688.029

Mg. A região Sul foi responsável por 1.341.184 Mg, garantindo a segunda colocação no ranking de produção, ficando atrás apenas da maior região produtora, a sudeste, com 1.844.109 Mg. O Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional, responsável por 406 mil Mg, enquanto Santa Catarina apresentou produção de 131.259 Mg, o equivalente a 3,56% da produção nacional (IBGE, 2018).

4.3.5. Cebola

A China é a maior produtora de cebola no mundo, seguida da Índia, que destoam dos outros países pelo volume de produção. O Brasil ocupa a oitava posição no ranking de produção mundial de cebola. Segundo ANACE (2017), no Brasil há, aproximadamente, 50 mil ha de área plantada com cebola, na sua maioria produzida pela agricultura familiar, gerando 350 mil empregos diretos e indiretos. Este dado mostra a importância desta olerícola para Santa Catarina, uma vez que o estado é o maior produtor nacional, com aproximadamente 30% da produção (IBGE, 2018).

4.3.6. Cenoura

A cenoura tem seu provável centro de origem na Ásia Central, região próxima ao Afeganistão, difundindo-se por todo mundo. No Brasil acredita-se que a vinda se deu pelos portugueses e que sua primeira implantação foi no estado do Rio Grande do Sul (RODRIGUES, 2020). De acordo com Dossa e Fuchs (2017), o país que apresenta a maior produção de cenoura é a China, produzindo cerca de 15 milhões de Mg, seguida da Rússia e Estados Unidos, com produções de 2 e 1,5 milhões de Mg, respectivamente. O Brasil foi o quinto maior produtor mundial em 2015, com seis estados sendo responsáveis por cerca de 90% da produção nacional (Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia e Goiás). Já no Censo Agropecuário do IBGE (2017), o Brasil aparece com produção de 480 mil Mg, tendo o estado de Minas Gerais como o principal estado produtor de cenoura, responsável por 64,6%. O Rio Grande do Sul vem em segundo com 8,7%, Bahia com 8,4%, Paraná 5,2%, São Paulo 4% e Santa Catarina aparece com 3,8% na sexta posição.

4.3.7. Chuchu

O Chuchu é uma cultura com poucas informações a nível mundial, mas tem grande importância para países como o México, que produz para exportação. Porém, os dados consolidados sobre volumes totais de produção são escassos. No Brasil,

segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2017), o Brasil produziu 271 mil Mg, tendo o estado do Espírito Santo como maior produtor, responsável por 18,4%, São Paulo vem na segunda posição com 16,3% da produção nacional, enquanto Santa Catarina aparece como 10° produtor nacional, com apenas 1,9%, o que representa, aproximadamente, 5 mil Mg.

4.3.8. Laranja

A Laranja tem origem na Ásia, porém o maior produtor mundial é o Brasil, seguido de China, União Europeia, Estados Unidos e México, sendo o suco de laranja o principal subproduto dessa fruta (BRASIL AGRO, 2019). No Brasil, a principal região produtora é a Sudeste, com São Paulo e Minas Gerais como principais estados produtores, gerando muitos empregos, devido a grandeza do setor e da necessidade de mão-de-obra nas épocas de colheita, impulsionando o Brasil a ser responsável por 76% da cadeia produtiva da laranja no Mundo (Neves e Trombin, 2017). Segundo IBGE (2018), Santa Catarina ocupa a 12° colocação em produção, sendo responsável por 29 e 25 Mg nos anos de 2018 e 2019.

4.3.9. Maçã

A maçã é uma frutífera pertencente à família Rosaceae, tem sua origem na Europa e Ásia, tendo sua exploração iniciada no Brasil no ano de 1960, em Santa Catarina. Foi trazida por Japoneses, ganhando em poucos anos grande expressão no cenário do mercado nacional (ANDREOTLI et al., 1994). Os principais produtores mundiais são a China, com 39 milhões de Mg, seguida por Estados Unidos, com 4,6 milhões de Mg, e Polônia, com cerca de 4 milhões de Mg (FAOSTAT, 2018). O Brasil ocupa a 12ª colocação com cerca de 1,2 milhões de Mg (FAOSTAT, 2018).

No Brasil a produção está concentrada nos estados do Sul, com Santa Catarina sendo o maior produtor de maçãs, responsável por 638 mil Mg, seguido do Rio Grande do Sul, que produziu 577 mil Mg na safra 2016/2017 (Kist et. al., 2018b). Já no ano de 2018, o Brasil produziu 1.195 milhões de Mg, dos quais o Rio Grande do Sul foi responsável por 583 mil Mg, cerca de 48,8%, e Santa Catarina produziu 567 mil Mg, cerca de 47,5% (IBGE, 2018). Porém, Kist et. al. (2019) citam os dados da Associação Brasileira dos Produtores de maçã, que trazem informações divergentes àquelas do IBGE (2018), com 100 mil Mg a menos e com Santa Catarina a frente do Rio Grande

do Sul na produção, com 575 mil Mg para Santa Catarina (52,6%) e 490 mil Mg para RS (44,8%).

4.3.10. Mamão

O mamão é uma fruta que tem tido aumento de demanda pelo mercado europeu e, com isso, os países produtores ganham importância na exportação dessa fruta (EMBRAPA, 2013; GALEANO; MARTINS, 2015). A Índia é a maior produtora mundial, seguida do Brasil, sendo este o maior exportador da fruta em 2017. No Brasil, a região Nordeste é a principal produtora de mamão, pois as condições climáticas são consideradas ideais para o desenvolvimento da cultura (KIST et al., 2018a). Segundo o IBGE (2018), foram colhidos cerca de 1,06 milhões de Mg de mamão no ano de 2018, com a região Nordeste liderando o ranking nacional com 565 mil Mg, seguida pela região Sudeste com 416 mil Mg, tendo os estados do Espírito Santo (354 mil Mg) e Bahia (337 mil Mg) como os maiores produtores nacionais.

4.3.11. Manga

A manga é uma fruta que teve origem na Ásia, no Arquipélago Indiano, difundindo-se para a Europa e chegando ao Brasil com os Portugueses, sendo implantada primeiramente no Rio de Janeiro (CAMARGO FILHO; ALVES; MAZZEI, 2014). Segundo a FAO (2019), a Índia foi a maior produtora mundial de manga em 2017, responsável por 19,8 milhões de Mg, seguida pela China, com 4,8 milhões de Mg, e Tailândia com 3,8 milhões de Mg. O Brasil aparece no cenário mundial com produção expressiva, ocupando a 10ª posição, responsável pela produção de 904,1 mil Mg em 2017 (FAO, 2019).

A região Nordeste é a principal produtora de manga no Brasil, com cultivo de, aproximadamente, 45 mil ha em 2005, enquanto as regiões Sudeste e Sul cultivaram, aproximadamente, 18 mil e 626 ha, respectivamente. Em relação aos estados brasileiros, os principais produtores da manga são Bahia, Pernambuco e São Paulo, com 279, 239 e 184 mil Mg de frutos de manga, respectivamente (KIST et al. 2018a).

4.3.12. Melancia

A melancia teve sua origem mais provável na África, sendo trazida para as Américas por escravos e colonizadores em meados do século XVI. A cultura se espalhou pelo mundo e é produzida praticamente em todas as regiões, podendo ser

considerada uma cultura cosmopolita. No Brasil, figura como uma das 5 principais olerícolas, podendo ser produzida no cultivo irrigado, durante todo o ano, ou em sequeiro, plantando-se na estação chuvosa, preferencialmente variedades locais (EMBRAPA, 2010).

O principal produtor mundial é a China, com produção de 63 milhões de Mg em 2018, seguida por Irã, com 4,1 milhões de Mg, e Índia, com 4 milhões de Mg. Já o Brasil é o quarto produtor mundial, responsável por cerca de 2 milhões de Mg (FAOSTAT, 2018). No Brasil, a região com maior produção é a Nordeste, com cerca de 796 mil Mg, seguida da Região Sul, com 415 mil Mg. Em relação aos estados brasileiros, os maiores produtores são o Rio Grande do Norte, com 391 mil Mg, Rio Grande do Sul, com 283 mil Mg, e São Paulo, com 281 mil Mg, sendo que Santa Catarina aparece na 12^a posição com produção de 46 mil Mg em 2018 (IBGE, 2018).

4.3.13 Pepino

O pepino pertencente à família das cucurbitáceas com origem na Índia, posteriormente levado a China e Japão, difundindo-se então para os demais países com aptidão para produção, que tenham épocas com a temperatura ideal de crescimento, entre 20 a 30°C (CARVALHO et al. 2013), (TIRANI; PASSOS; ARAÚJO, 2015), (HORTIFRUTIBRASIL, 2018). A China é responsável por cerca de 75% da produção mundial, o que corresponde a uma produção de 56,3 milhões de Mg, seguida por Irã, Turquia e Rússia que produziram, em 2018, 2,2; 1,8 e 1,6 milhões de Mg respectivamente. Segundo Carvalho et. al. (2013) apud EMBRAPA HORTALIÇAS (2010), o Brasil produziu cerca de 215 mil Mg em 2006, destacando a importância da participação das regiões Sudeste e Sul, com 52,8% e 21,6% respectivamente.

4.3.14. Repolho

O repolho é uma hortaliça da família das Brássicas, sendo o membro mais importante desta família e uma folhosa com diversos usos e de fácil acesso à população em geral (NUNES; OLIVEIRA; FAZOLIN, 1994). Os maiores produtores mundiais são a China, Índia e Rússia, responsáveis por 33, 9 e 2,5 milhões de Mg de Brássicas, respectivamente, que inclui o repolho (FAO, 2017a).

O Brasil por sua vez, apresenta produção de cerca de 467 mil Mg, com predominância na região sudeste, com 61,3%, e tendo São Paulo como o estado de maior produção, responsável por 148 mil Mg, o que representa 31,7% do total

nacional, seguido de Paraná (14%), Espírito Santo (11,6%), MG (9,7%) e Santa Catarina, que aparece com produção que representa 9,6% do total nacional.

4.3.15. Tangerina

As tangerinas (Cravo, Poncã, Mexerica e Murcote), apresentam origem na Ásia, na Indochina e Sul da China, com disseminação para outros locais de produção, ao redor do mundo (AZEVEDO et. al., 2006; MATTOS JUNIOR et al., 2014). Segundo dados da FAO (2017b), a China foi o país com maior produção mundial de tangerinas em 2016, seguida pela Espanha e Japão, com produção de 19, 2,22 e 1,11 milhões de Mg de tangerinas, respectivamente. Ainda segundo a FAO (2017b), o Brasil ocupa a sétima colocação do ranking mundial de produção, sendo o maior produtor da América do Sul.

Segundo os dados do IBGE (2018), no ano de 2018 o Brasil produziu 996,8 mil Mg de Tangerinas, sendo as regiões Sudeste e Sul as principais produtoras nacionais. Os estados com maior produção são São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, responsáveis pela produção de 385, 204, 144 e 138 mil Mg, respectivamente. Santa Catarina é um estado que tem uma pequena parcela da produção nacional, cerca de 0,9%, o que equivale a, aproximadamente, 8,9 mil Mg.

4.3.16. Tomate

O tomate tem grande importância no cenário mundial, sendo produzido tanto para industrialização quanto para consumo "*in natura*". O maior produtor mundial é a China, seguido pela Índia e Estados Unidos, sendo que em 2014, o Brasil ocupou a nona colocação em produção (FAOSTAT apud PARANÁ, 2017). No Brasil a produção em 2018 foi de 4,1 milhões de Mg, com as regiões Sudeste e Centro-Oeste como as maiores produtoras. Em relação aos estados brasileiros, Goiás é o maior produtor, sendo responsável por 1,3 milhões de Mg, seguido pelo estado de São Paulo, com 870 mil Mg, enquanto Santa Catarina ocupa a sexta posição no ranking de produção de tomate, com 175 mil Mg (IBGE, 2018).

5. MATERIAL E MÉTODOS

5.1 Descrição e caracterização do local de estudo

O presente estudo foi realizado na Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina (CEASA), unidade de São José/SC. A CEASA está localizada no

município de São José (27°34'50"S e 48°36'45"W) (Figura 3a), às margens da BR-101 – km 205. A unidade possui mais de 25 mil metros quadrados de área, com sete pavilhões de área construída (Figura 3b).

Figura 3. Localização CEASA/SC – Unidade São José (A) e Vista aérea dos pavilhões da CEASA(B).



Fonte: CEASA/SC (modificada pelo autor).

A CEASA é dividida em dois grupos de comerciantes, os do setor não-permanente, que ocupam o pavilhão do produtor, conhecido popularmente como pedra (Figura 4), e pelo setor permanente, conhecido por boxes (Figura 5). O setor não-permanente é composto integralmente por produtores rurais Catarinenses, onde só são comercializados produtos com origem no Estado de Santa Catarina, sendo proibida a comercialização de produtos de outras regiões do Brasil. Já o setor permanente é composto pelas empresas, onde são comercializados inúmeros produtos vegetais com origem de diversas regiões do Brasil.

Figura 4. Setor Não-Permanente da CEASA, pavilhão do Produtor, popularmente conhecido como “Pedra”.



Fonte: Autor

Figura 5. Setor Permanente da CEASA, faixada de uma das empresas, popularmente conhecidos como “boxes”.



Fonte: Autor

5.2 Obtenção dos dados

As informações utilizadas para a presente dissertação foram obtidas do banco de dados da CEASA. Para isso, foi solicitado, inicialmente, uma lista com os 16 produtos com maiores volumes de comercialização na CEASA, nos anos de 2018 e 2019. Este número de 16 produtos foi delimitado pelo fato de formarem uma amostragem significativa do total comercializado na unidade, pois representam aproximadamente 70% de todos os produtos que circularam nesta unidade nos referidos anos.

Os dados foram obtidos a partir de relatórios mensais dos anos de 2018 e 2019 que apresentavam os totais de cada produto comercializado na CEASA e foram utilizadas as informações do total comercializado, origem do produto, setor onde o produto foi comercializado (permanente e não-permanente) e preço médio mensal praticado a nível de atacado.

Para a obtenção e registro dos dados, a CEASA conta com duas portarias de monitoramento e controle de entrada de mercadorias, de forma que todo veículo que entra com produto é obrigado a realizar a apresentação e recolhimento de uma via da nota fiscal, tanto com destino para o setor permanente, quanto para o não-permanente. Estas notas fiscais recolhidas na entrada das mercadorias na CEASA foram utilizadas para a obtenção dos dados das variáveis volume comercializado, origem dos produtos e setor de comercialização.

Para a variável preço médio mensal praticado a nível de atacado, foram utilizados os valores obtidos da média mensal da cotação diária dos produtos, coletado junto aos comerciantes, que representa o valor pago pelos compradores da CEASA, do qual baseou-se a representação da flutuação do preço no decorrer do ano. A cotação de preços diários é realizada por um orientador de mercado e, assim como as notas fiscais, alimenta um sistema de base de dados, o qual foi disponibilizado pela CEASA para o presente trabalho.

Pelo fato dos dados terem sido obtidos de um banco de dados, sem um desenho experimental característico e, conseqüentemente, sem repetições amostrais, não foram utilizadas ferramentas estatísticas tradicionais para a análise dos dados, apenas utilização de médias e agrupamentos em classes. Dessa forma, as informações foram agrupadas em gráficos que possibilitem visualizar o comportamento de cada variável trabalhada para cada um dos produtos selecionados, possibilitando realizar um diagnóstico do comportamento de comercialização dos produtos na CEASA nos anos de 2018 e 2019.

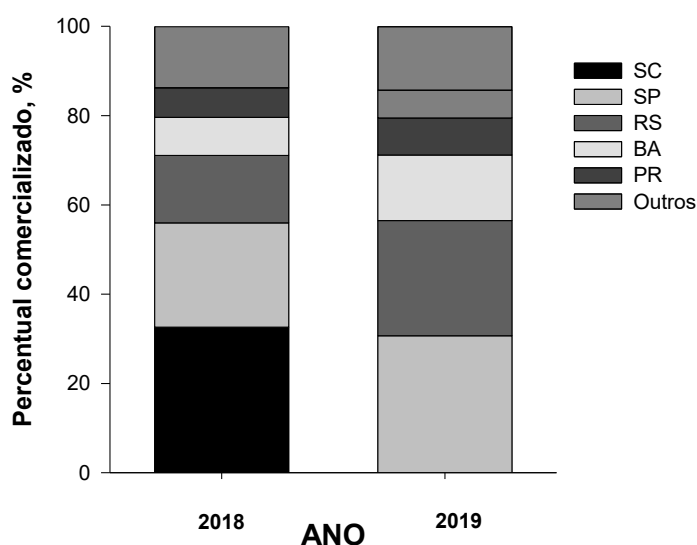
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão e análise do comportamento dos 16 produtos estudados, primeiramente serão apresentadas as informações da origem destes, ou seja, Unidade Federativa (UF), assim denominado para facilitar o entendimento dos dados, pois assim algumas questões de variações no comportamento de oferta e de preços dos produtos durante o ano poderão ser melhor trabalhadas ao longo da apresentação e discussão dos demais resultados.

Nesse sentido, a Figura 6 mostra que cinco estados são responsáveis por, aproximadamente, 86% do total comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019. Em trabalho de Vieira (2017), com informações sobre oito tipos de frutas comercializadas na CEASA nos anos de 2015 e 2016, Santa Catarina (SC) foi responsável por 35% e 44%, respectivamente, do total de produtos que circularam na CEASA. Do grupo de produtos estudados, nos anos de 2018 e 2019, respectivamente, SC foi responsável por 32,6 e 30,7%; São Paulo (SP) por 23,4 e 25,8%; Rio Grande do Sul (RS) por 15,1 e 14,7%; Bahia (BA) por 8,5 e 8,3%; e Paraná (PR) por 6,6% e 6,2% dos produtos comercializados na CEASA. Nota-se assim, a predominância do produto catarinense, seguido por SP, que tem o maior entreposto do Brasil, a Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), que é a

origem de muitos produtos comercializados na CEASA. Já os estados do RS e PR, por serem vizinhos a SC, demonstram como a logística de transporte influencia na tomada de decisão na hora de suprir a demanda do mercado, enquanto a BA, por ser a principal origem da Manga e do Mamão, dois produtos com grandes volumes de comercialização, figura como um dos 5 estados com maior participação na oferta de hortifrutigranjeiros para a CEASA.

Figura 6. Participação percentual por centro de origem/estados dos 16 produtos mais comercializados na CEASA entre 2018 e 2019.



Para melhor entendimento do estudo, utilizou-se uma separação por categorias de produtos, iniciando pelos produtos que não tem tradição de produção em SC e, portanto, são originados exclusivamente ou expressivamente de outros centros de origem (Produtos não Tradicionais), um segundo grupo, em que considera-se a capacidade do estado Catarinense em abastecer a demanda da CEASA em parte e preponderantemente na safra, abrindo o mercado para outros estados na entressafra (Produtos Sazonais Catarinenses) e levando-se em conta a sua origem no estado de SC, com capacidade de abastecer, totalmente, ou a maioria da demanda da CEASA pelo produto (Produtos Tradicionais Catarinenses);

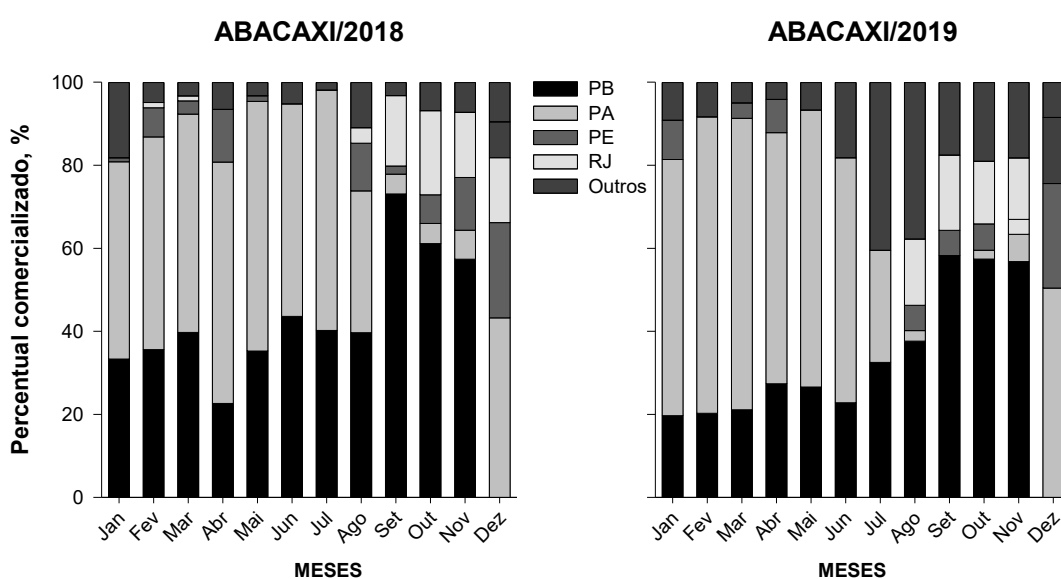
6.1. Produtos não tradicionais

Os produtos não tradicionais são aqueles que por questões climáticas e/ou culturais, não são produzidos em SC em escala comercial, a ponto de ter expressão significativa na CEASA, sendo eles o Abacaxi, Mamão e a Manga, conforme descrito no item 2, que traz dados do IBGE (2018), comprovando que SC não tem produção em escala comercial destes produtos.

6.1.1 Abacaxi

A origem do abacaxi comercializado na CEASA é, predominantemente, dos estados da Paraíba (PB) e do Pará (PA), sendo que a PB foi responsável por 40 e 35% do abacaxi comercializado em 2018 e 2019, enquanto o PA foi responsável pelo fornecimento de 35 e 40% do abacaxi em 2018 e 2019, respectivamente (Figura 7). O restante do abacaxi comercializado na CEASA, nos anos de 2018 e 2019, teve origem dos estados de Pernambuco (PE), com 6,97 e 3,72%, Rio de Janeiro (RJ), com 6,51 e 6,43%, e outros estados, 6,92 e 14,11%, respectivamente. Essa tendência pode ser explicada pelo fato de que os estados da PB e do PA serem os dois maiores produtores nacionais de abacaxi, produzindo 334 e 426 mil Mg, respectivamente (IGBE, 2018).

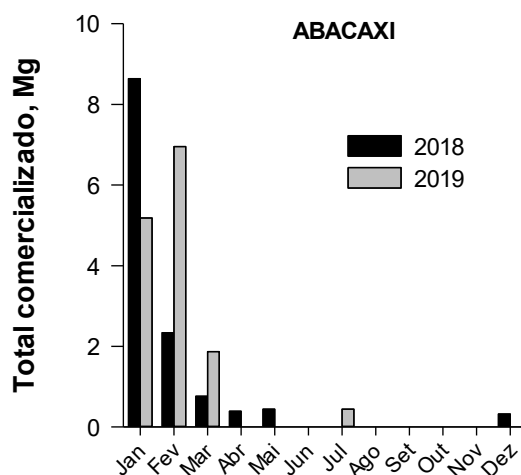
Figura 7. Origem, por estado, do abacaxi comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



O abacaxi não tem expressão de produção em SC, portanto não aparece com relevância neste não permanente (Figura 8). Isso vai ao encontro dos dados do IGBE

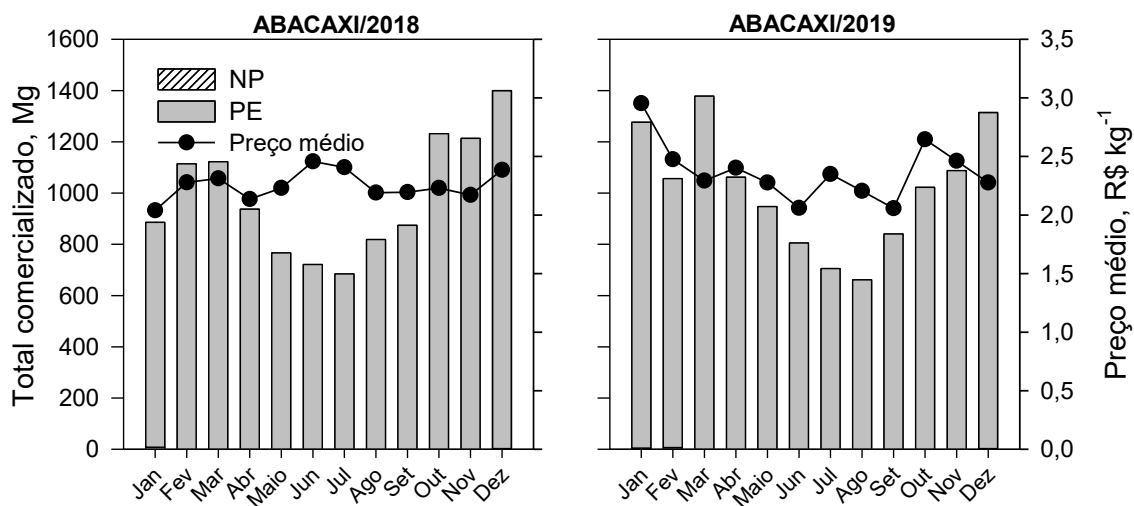
(2018), que mostram que a região Sul do Brasil é responsável por 1,13%, cerca de 20 mil Mg, do total produzido no Brasil, que é de 1,1 milhão de Mg. Santa Catarina produziu apenas 263 Mg em 2018.

Figura 8. Total de abacaxi comercializado no setor não-permanente da CEASA/SC - São José entre 2018 e 2019.



O abacaxi teve variação de preço ao longo do ano (Figura 9), provavelmente afetado pela greve dos caminhoneiros no ano de 2018, e isso fica evidente na linha dos preços, levando-se em consideração que a partir de junho, a tendência é de diminuir a procura do fruto, devido a estação mais fria, e diminuição do seu consumo, visto que o turismo também diminui na região.

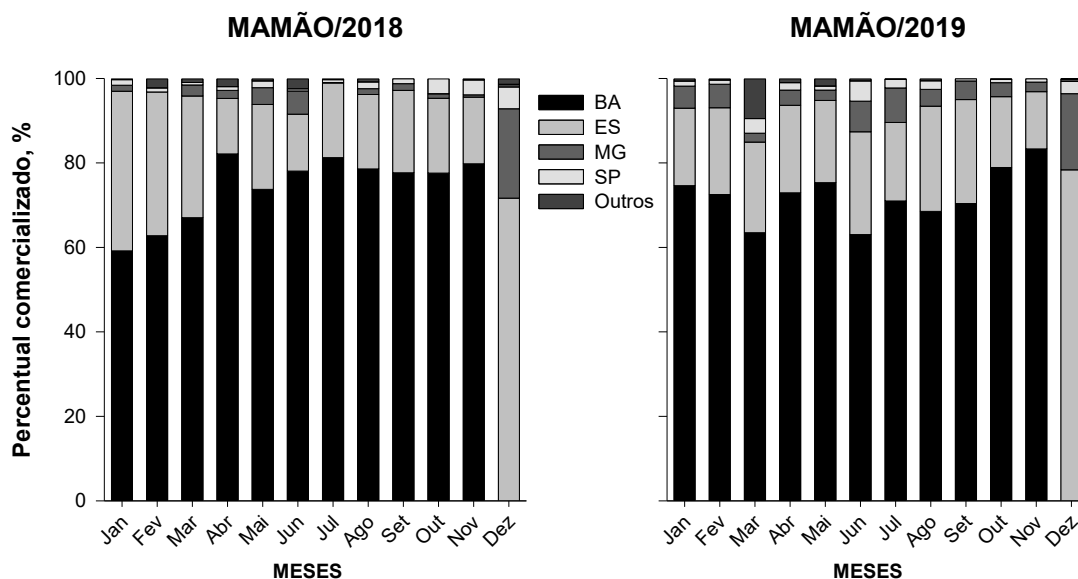
Figura 9. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do abacaxi nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.1.2 Mamão

A origem do mamão comercializado na CEASA é, principalmente, dos estados da BA e Espírito Santo (ES), que foram responsáveis pela oferta de 95,6 e 93,2% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 10), sendo essa oferta relativamente estável ao longo do ano. Apesar do estado do ES ter grande participação na origem do mamão comercializado na CEASA, o maior fornecedor é o estado da BA, com oferta de, aproximadamente, 74% do mamão comercializado nos anos de 2018 e 2019. Além da BA e ES, Minas Gerais (MG), SSP e outros estados, somados, foram responsáveis pela oferta de 4,4 e 6,8% em 2018 e 2019 respectivamente.

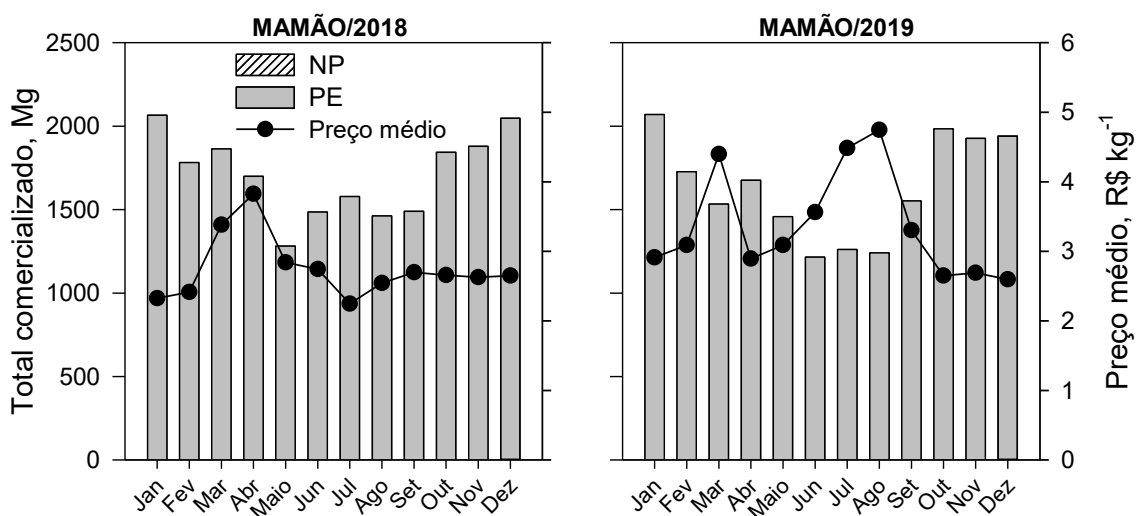
Figura 10. Origem, por estado, do mamão comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



O estado de SC não tem tradição na produção de mamão e, portanto, a ocorrência dessa fruta no setor não-permanente não foi registrada, levando ao encontro do que diz o estudo do IBGE (2018), em que SC não apresenta produção comercial registrada.

Os preços do mamão se mantiveram estáveis (Figura 11), com pequenas oscilações em 2019 devido aos problemas climáticos, com estiagem no oeste da BA e ES, que causaram redução na produção, elevando assim os preços (HORTIFRUTIBRASIL, 2019).

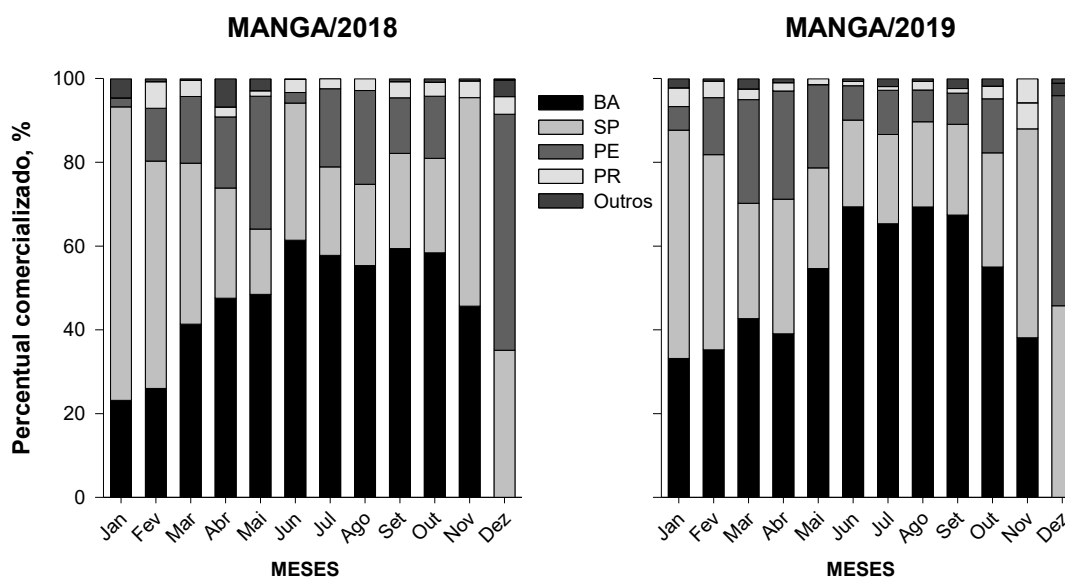
Figura 11. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do mamão nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.1.3 Manga

A manga tem sua origem principal no estado da BA, com 43,5 e 48,7% do total comercializado nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 12). O estado de SP figura como o segundo principal responsável pela oferta de manga comercializada na CEASA, sendo responsável por 39,9 e 36,2% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 12). De novembro a março, pode-se observar que há queda na oferta de manga do estado da BA, sendo então suprida pelo produto oriundo do estado de SP. PE, PR e outros estados, somados, foram responsáveis por 17,6 e 15,7% da manga ofertada nos anos de 2018 e 2019, respectivamente. A BA aparece como principal origem pelo fato de ser o segundo maior estado produtor do Brasil, com produção em 378 mil Mg, o que representa 28,7% da produção nacional, já SP responde por 202 mil Mg sendo o terceiro maior produtor nacional com 15,3%. O estado de PE foi o maior produtor nacional com 496 mil Mg, cerca de 37,7% (IBGE,2018), porém os custos de transporte são elevados devido à distância, uma vez que a safra coincide com a Baiana, o que acaba sendo menos atrativo para a aquisição pelos usuários do setor permanente.

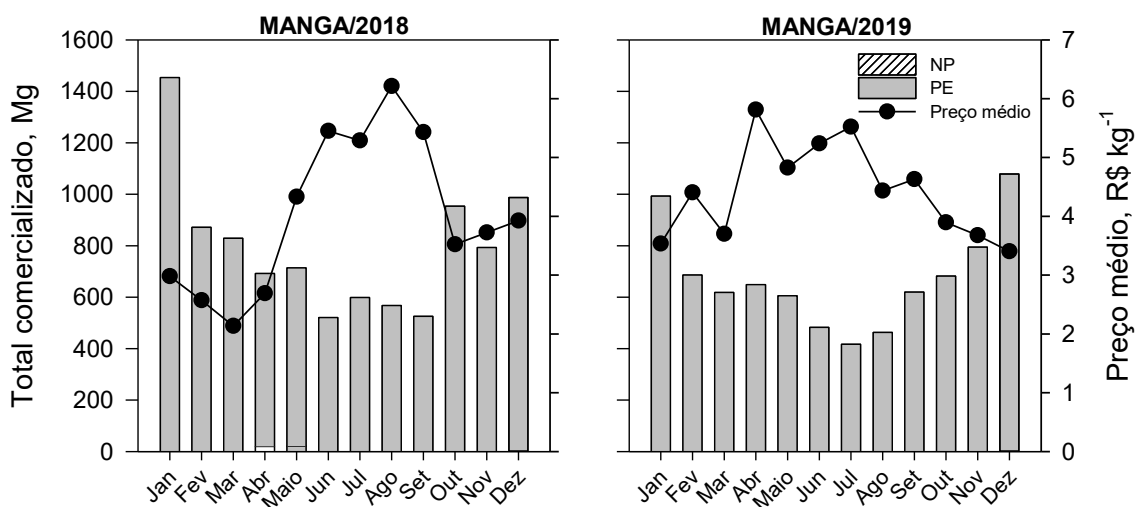
Figura 12. Origem, por estado, da manga comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A manga também é um produto que não tem tradição no estado e não há registro de produção comercial, como mostram os dados do IBGE (2018), que não traz SC com registros de produção comercial.

A manga teve boa produção em 2018 e seus preços se apresentaram mais baixos do que em 2017 (5,8% mais altos segundo banco de dados do CEPEA/2020). Porém, mantiveram boa rentabilidade em comparação aos custos. No início ano de 2018, as ofertas resultantes da boa safra de 2017 puxaram os preços para baixo, como mostra um estudo da revista HortifrutiBrasil (2018). No ano de 2019, a manga originária da BA teve grande produção e boa aceitação para exportação, porém a manga produzida em SP teve baixa na produção, o que diminuiu a oferta e elevou os preços praticados (Figura 13).

Figura 13. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da manga nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.2 Produtos catarinenses com sazonalidade

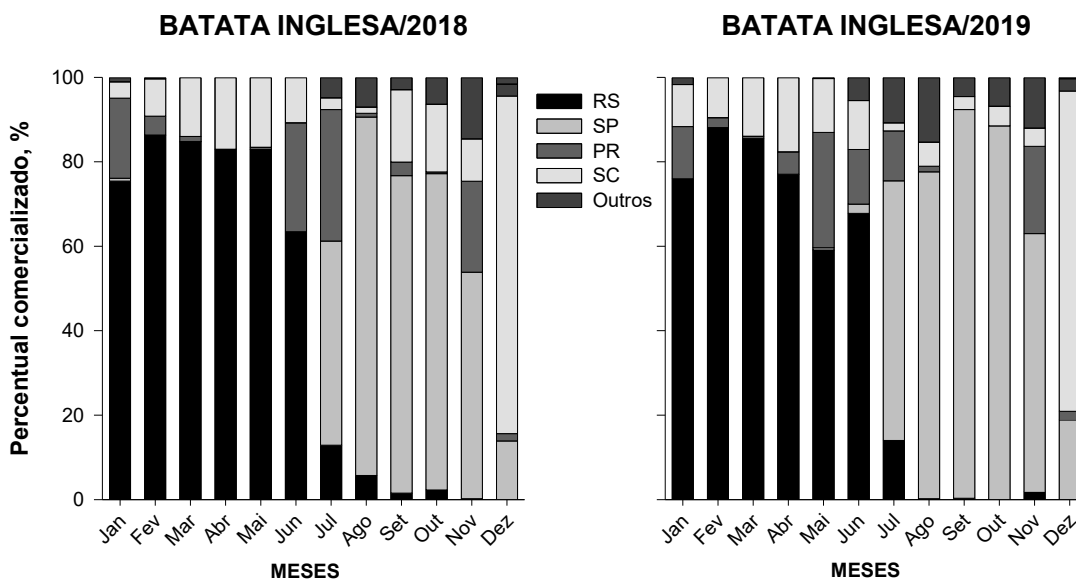
Neste item foram agrupados os produtos que são produzidos em SC e, em algum período do ano, sofrem quedas nos volumes totais comercializados na CEASA, muitas vezes pelas características da cultura, como ter apenas um período de colheita anual, ou quando possui colheita plurianual, por questões climáticas, que não permitem a produção das mesmas. Neste grupo foram enquadradas a Batata-inglesa, Cebola, Cenoura, Laranja, Maçã, Melancia, Pepino, Tangerina e Tomate.

6.2.1 Batata-Inglesa

A batata inglesa tem como principal origem o RS, com participação de 44 e 36%, seguido por SP, com oferta de 27 e 36%, e PR, com fornecimento de 16 e 15% da batata inglesa comercializada nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 14). A oferta da batata inglesa é sazonal em relação à sua origem, pois de janeiro a junho predomina a oferta de batata oriunda do RS, enquanto de julho a novembro predomina batata com origem em SP e, em dezembro, do PR (Figura 14). Segundo Pereira et. al. (2005), a época de plantio da batata no RS se dá no período de 15 de agosto a 15 de setembro, no plantio de inverno, e de 15 de fevereiro a 15 de março,

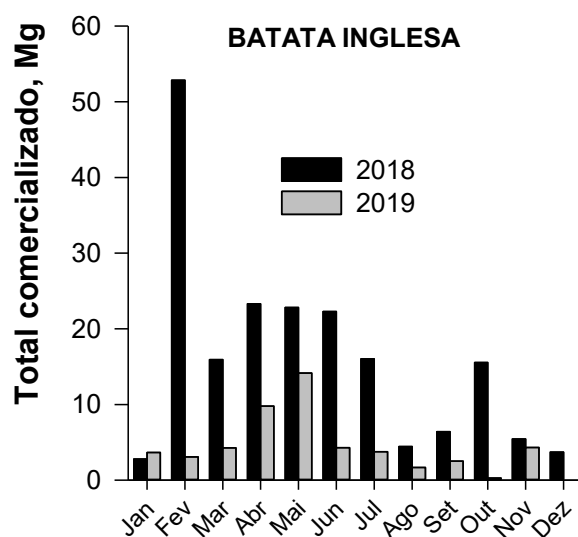
no plantio de final de verão, o que explica a oferta desse produto nos referidos meses. Já SP e PR produzem mais batata quando comparados com o RS, porém o transporte torna-se mais caro e, por isso, a batata desses locais entra no mercado na entressafra da colheita gaúcha.

Figura 14. Origem, por estado, da batata inglesa comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



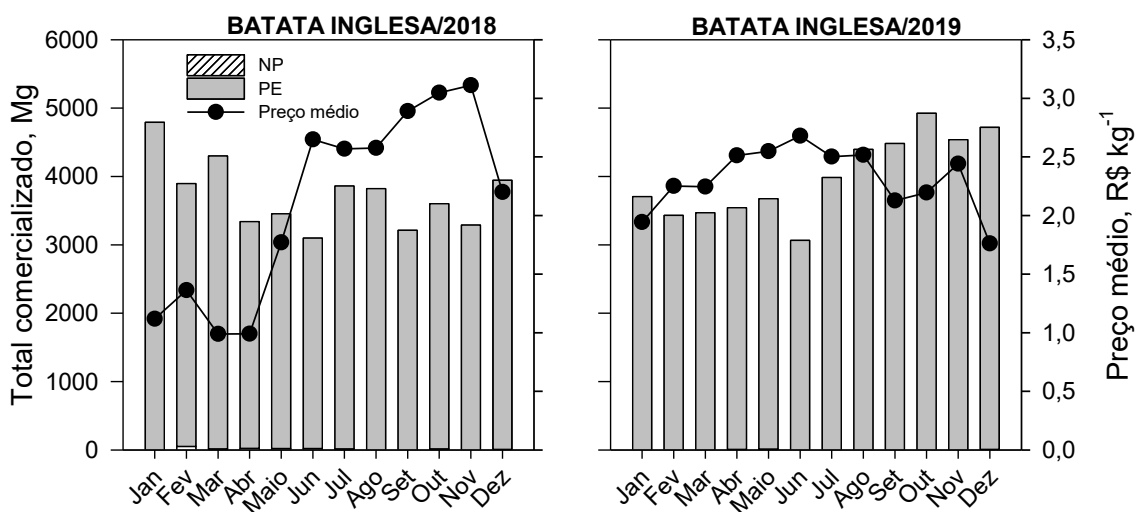
Ainda assim, a batata consumo, alvo de estudo, foi produzida em SC na ordem de 131 mil Mg, cerca de 3,6% do total produzido no Brasil (IBGE,2018). Isso mostra que a produção dessa cultura em SC é relevante, o que justifica a presença no setor não-permanente (Figura 15). Em relação a batata inglesa, o estado de SC tem maior destaque na produção de batata semente, por apresentar condições climáticas que favorecem propágulos livres de doenças, com uma excelente condição fitossanitária (BOEING, 2008; SÁ, 2001).

Figura 15. Total de batata inglesa comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A batata inglesa teve participação de 4,3 e 3,7 mil Mg oriundas do estado de SC no total comercializado em ambos os setores, sendo 4,42 e 1,42% no setor não-permanente, nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 16). A cultura, por ter maior tradição de cultivo como semente no estado de SC, acaba por ter menor participação na origem estadual, vendida para consumo. Esta queda na produção catarinense pode ser explicada pela diminuição da área plantada, como mostra EPAGRI/CIRAM (2018) através da ferramenta INFOAGRO. Houve redução de 768 hectares, o equivalente a 16,9% da área plantada em 2017, impactando assim na quantidade total entregue no setor da pedra, pois este produto tem um alto valor de investimento tecnológico, o que devido ao risco econômico, acaba por desincentivar os produtores a produzirem e comercializar diretamente no setor não-permanente.

Figura 16. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da batata inglesa nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A batata inglesa vinha com histórico de queda de preços desde junho de 2016, e teve a maior redução de área plantada em 2019. Segundo a revista HORTIFRUTIBRASIL (2018). Essa baixa demanda poderia ter sido recuperada na safra de maio de 2018, mas com a greve dos caminhoneiros nem toda produção foi comercializada e os preços praticados apresentaram elevação. Já na safra de maio de 2019, a oferta se normalizou e os preços voltaram a cair (Figura 16).

6.2.2 Cebola

Nos anos de 2018 e 2019, em média, 63% da cebola comercializada na CEASA teve origem em SC, comportando-se assim como principal estado fornecedor do produto (Figura 17). No entanto, nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro, março e abril a oferta de cebola com origem de SC foi, em média, de 96%, enquanto nos meses de junho a outubro a oferta de cebola com origem de SC foi, em média, de 33% para ambos os anos avaliados (Figura 17). Durante o período de menor oferta de cebola de SC, há aumento na entrada do produto de estados como SP, Goiás (GO), MG e outros estados, responsáveis por 11,8; 9,1; 7,7 e 8,6%, respectivamente, em 2018. Já em 2019 os principais estados que ofertaram cebola para a CEASA foram MG, SP, BA e outros estados, com 12,0; 9,6; 5,6 e 9,6%, respectivamente. Segundo a Epagri/Cepa (2020), SC é o principal produtor nacional de cebola com, aproximadamente, 30% do total produzido em 2018. Já durante a safra, que inicia no mês de novembro, SC é responsável por quase que a totalidade do abastecimento na

CEASA. Nos meses de entressafra a cebola das regiões Sudeste e Nordeste entra no mercado e complementa a oferta desta hortaliça (ANACE, 2018). A cebola é uma cultura importante para os pequenos agricultores de Santa Catarina, o que refletiu na grande presença do produto no setor não permanente nos anos de 2018 e 2019 (Figura 18).

Figura 17. Origem, por estado, da cebola comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.

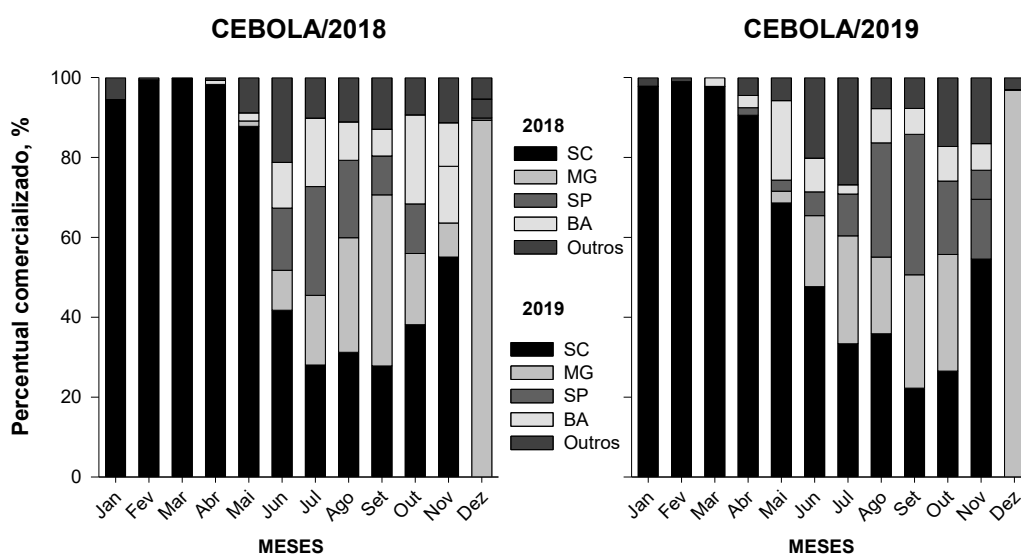
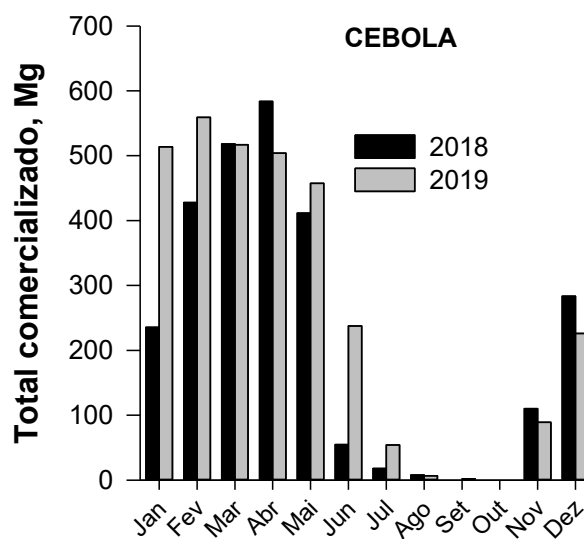


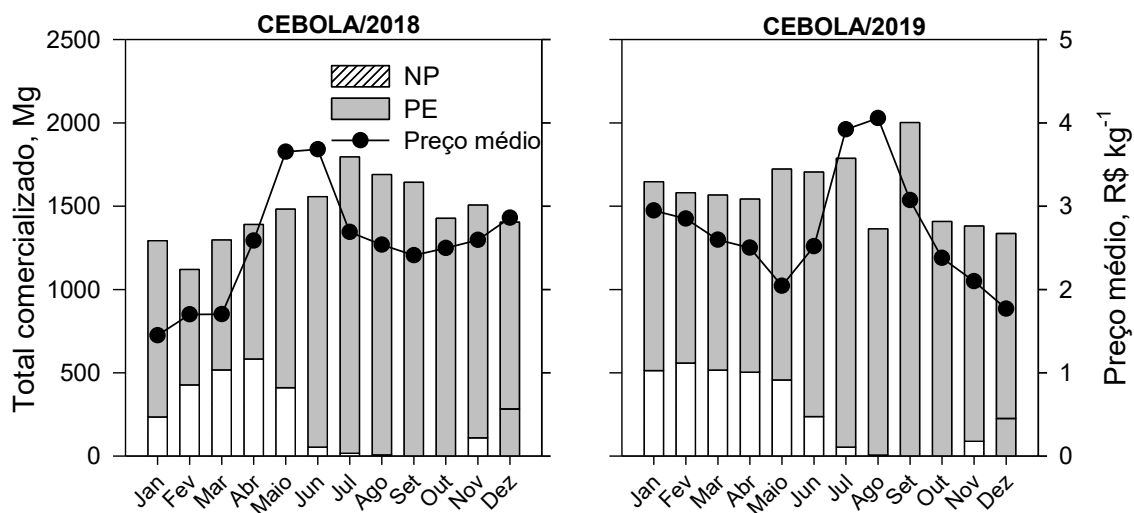
Figura 18. Total de cebola comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



No caso da cebola, o setor não-permanente foi responsável por comercializar 23,9% e 26,3% do total originado em SC (11 e 12 mil Mg), nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 19). O restante foi procedente de outros estados, totalizando 17,6 e 19,1 mil Mg para 2018 e 2019, respectivamente, complementando as ofertas dos meses de entressafra.

Nota-se que, em um cenário geral, a cebola tem uma participação considerável no setor da pedra, por ser uma cultura com tradição no estado de SC, além de garantir uma boa competitividade com o setor permanente em relação a qualidade de produto. A cultura da Cebola tem sua origem principal do estado Catarinense, por ser o maior produtor nacional (IBGE, 2018), e as variações na produção do sul influenciam diretamente no preço deste item. Assim, segundo a EPAGRI/CEPA (2020), a cultura da cebola em SC vem sofrendo quedas na área plantada, porém a produtividade vem aumentando, sendo o ano de 2019 com a maior produtividade desde 2013. Em 2018 as condições climáticas foram adversas, o que causou depreciação no produto final, ao contrário de 2019, que apresentou excelentes condições climáticas, garantindo recorde de oferta e, conseqüentemente, diminuindo os preços praticados no atacado.

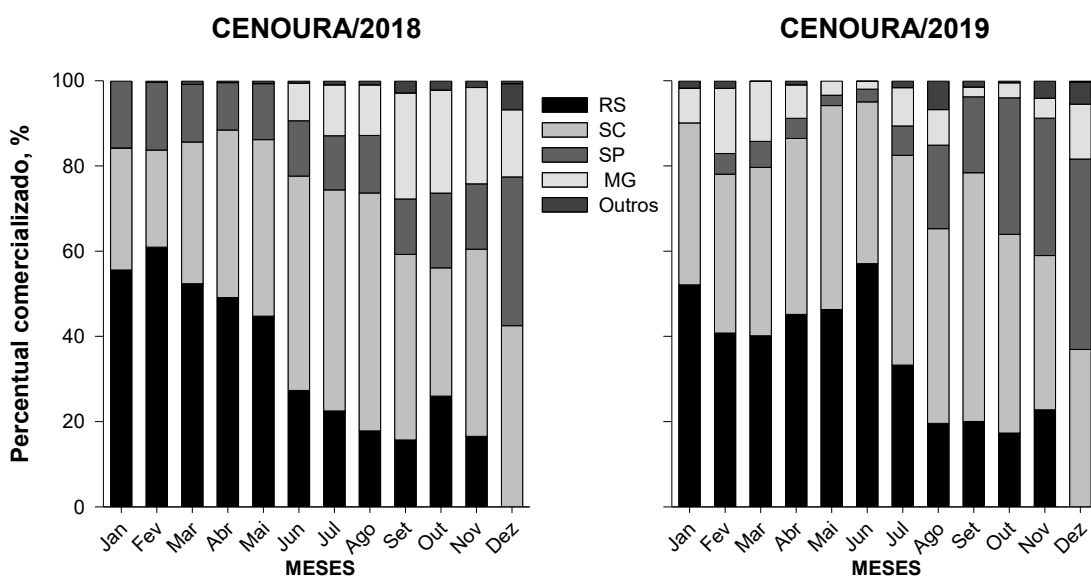
Figura 19. Total comercializado e preço médio de comercialização a nível de atacado da cebola nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.2.3 Cenoura

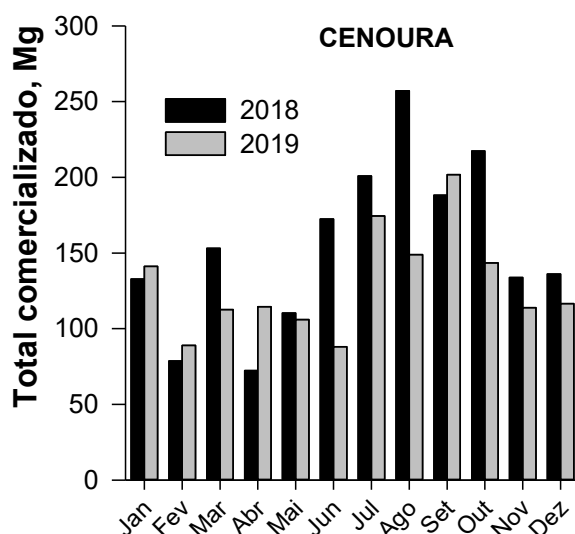
A cenoura comercializada na CEASA tem como origem principal os estados de SC e RS que, somados, foram responsáveis por, aproximadamente, 75 e 79% do total comercializado nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 20). O comportamento desses estados mostra uma complementação da oferta entre ambos, com ligeira queda na oferta nos meses de outubro a maio, proveniente do estado de SC. O restante da oferta ao longo dos anos de 2018 e 2019 foi suprida, principalmente, por MG, com 10,0 e 12,0%, por SP, com, 14,3 e 7,0%, e outros estados, com fornecimento de 1,1 e 1,7%, respectivamente. A oferta é bem atendida por SC e RS que são, respectivamente, o 6° e 2° maiores produtores do Brasil, com 3,8% e 8,7% da produção nacional, enquanto MG é o maior produtor nacional com 64,5% do total produzido, segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2017).

Figura 20. Origem, por estado, da cenoura comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



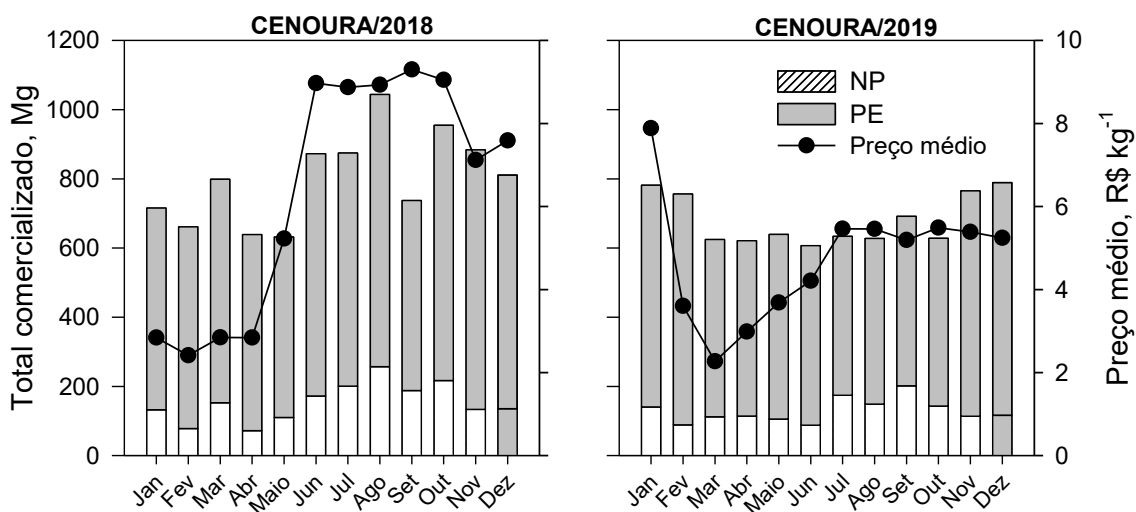
A cenoura tem relevância no setor não-permanente (Figura 21) pois o estado responde pela 6ª maior produção nacional, com 18 mil Mg, o que representa 3,8% do total produzido, conforme dados do Censo Agropecuário do IBGE (2017).

Figura 21. Total de cenoura comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



O setor não-permanente foi responsável por comercializar 19,2% e 19% do total da cenoura na CEASA, nos anos de 2018 e 2019, o que corresponde a cerca de 47,5% e 43,7% do total com origem no estado de SC, respectivamente, sendo o restante comercializado nos boxes (Figura 22). O restante da oferta, 7,7 e 6,6 mil Mg em 2018 e 2019, respectivamente, foram oriundos de outros estados. Isso mostra que a cenoura é uma importante cultura no leque de produtos que mantém os pequenos agricultores no campo, dada sua expressão na participação total comercializada. No início de 2018, os valores praticados no atacado da CEASA acompanhavam os preços do final da safra de 2017, operando em baixa. Em maio de 2018, devido a redução da área plantada e a greve dos caminhoneiros, os preços da cenoura dispararam, atingindo o pico em setembro, estabilizando e diminuindo para 2019. Além disso, as principais regiões produtoras do Sul do Brasil tiveram problemas climáticos que trouxeram manutenção dos preços no início de 2019, porém, ao atrasar o plantio pelo excesso de chuvas, houve acúmulo de oferta do produto nos primeiros meses do ano, reduzindo significativamente os preços.

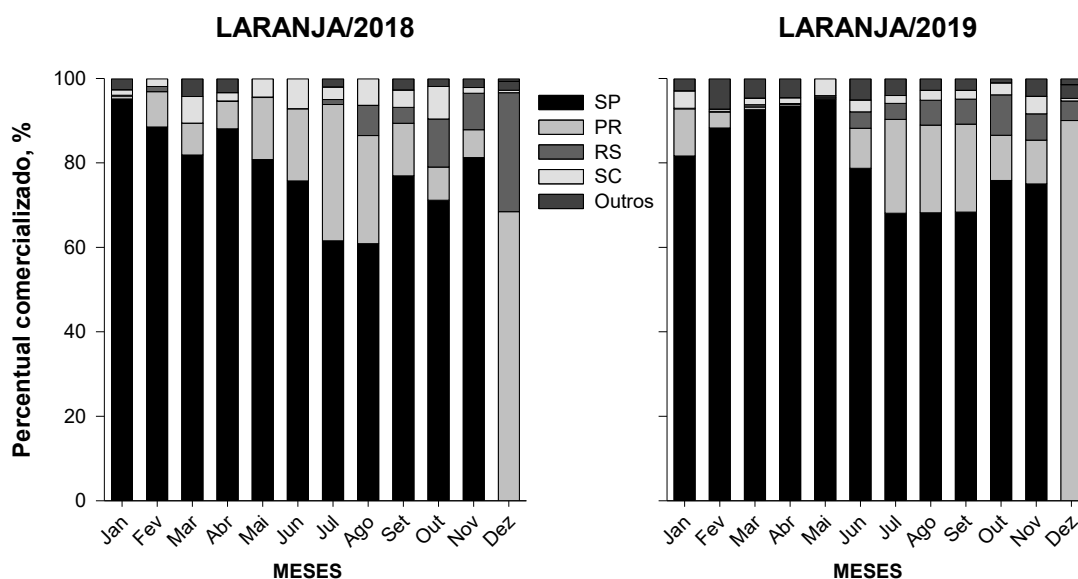
Figura 22. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da cenoura nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.2.4 Laranja

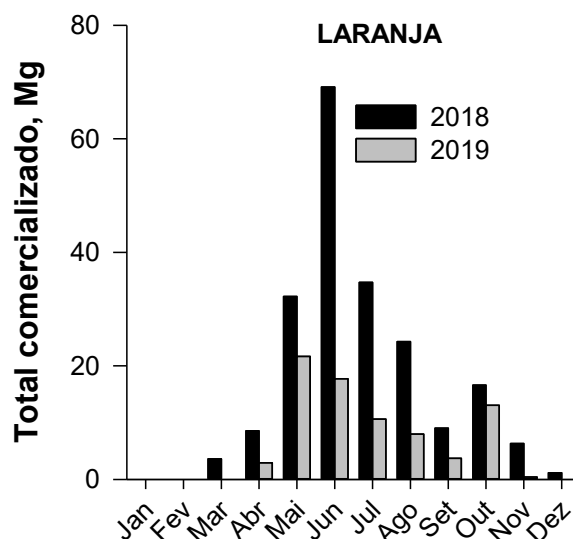
A laranja comercializada na CEASA, nos anos de 2018 e 2019, teve sua origem, principalmente, no estado de SP, com 78,5 e 81,4%, respectivamente, sendo a principal origem durante o ano todo (Figura 23). Outros estados complementam os totais de oferta desse item, principalmente nos meses de junho a novembro, quando a oferta de SP apresenta queda, como o PR, com 13,0 e 9,5%, SC, com 3,8 e 2,6%, e RS, com oferta de 2,9% e 3,0% para os anos de 2018 e 2019, respectivamente.

Figura 23. Origem, por estado, da laranja comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A laranja aparece no setor não-permanente (Figura 24) pois é um dos produtos que Santa Catarina tem aptidão para produzir. Porém, não é uma das maiores referências, pois apresentou uma produção de, aproximadamente, 30 mil Mg em 2018, segundo o IBGE (2018), o que representa apenas cerca de 0,2% da produção nacional.

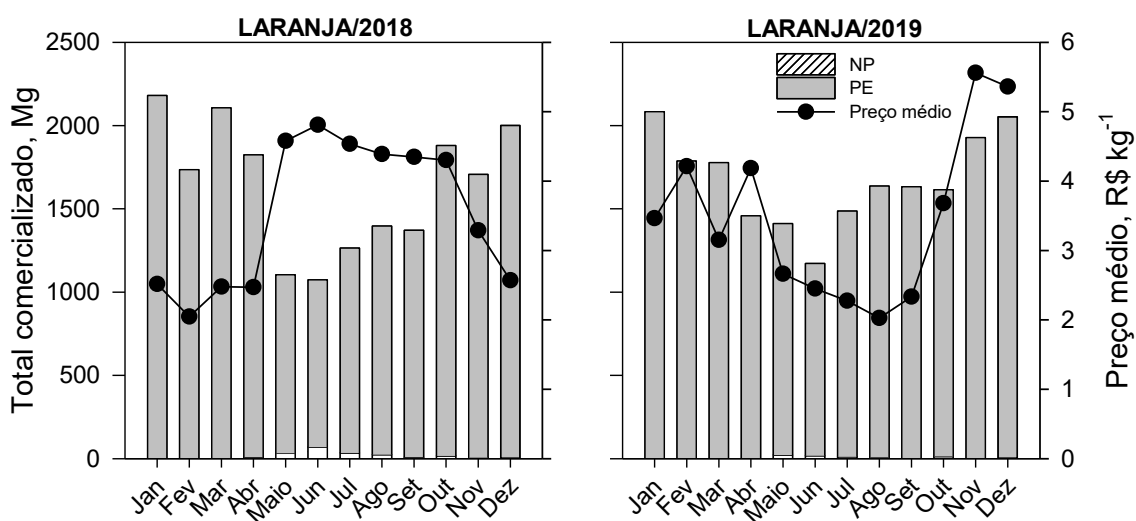
Figura 24. Total de laranja comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A laranja é um produto com pouca tradição no estado de SC e sua presença no setor não-permanente torna-se pequena, sendo que nos anos de 2018 e 2019 foi

de 205 e 78 Mg, respectivamente, enquanto o setor permanente comercializou 19,4 e 19,9 mil Mg (Figura 25). A redução apresentada de 2018 para 2019 na laranja comercializada no setor não permanente, reflete também na participação do estado Catarinense no total nos dois setores, em que SC deu origem a 3,8% e 2,6% do total de laranja comercializada na CEASA em 2018 e 2019, respectivamente. O preço da Laranja tem tendência de alta nos meses de verão devido ao aumento do seu consumo na forma de sucos. Isso ocorre pelo fato de que nas regiões próximas da CEASA, incluindo a Grande Florianópolis, há grande procura pelos restaurantes, hotéis e demais estabelecimentos em virtude da alta temporada turística na região litorânea catarinense, o que gera alta demanda deste produto. Com isso, os preços nessa estação tendem a ser maiores, aliados ao período de menor produção, devido a fatores climáticos (Figura 25). Como o abastecimento é oriundo principalmente do estado de SP, houve grande interferência nos preços durante a greve dos caminhoneiros, a partir de maio de 2018. Em 2019, os preços voltaram a normalidade, com reduções de valor nos meses mais frios (maio a setembro), também pela entrada de laranja oriunda do estado do PR, que reduz o valor dos custos com frete por ser mais próximo de Santa Catarina, além da diminuição dos valores, pela escala de produção e oferta local de produtos.

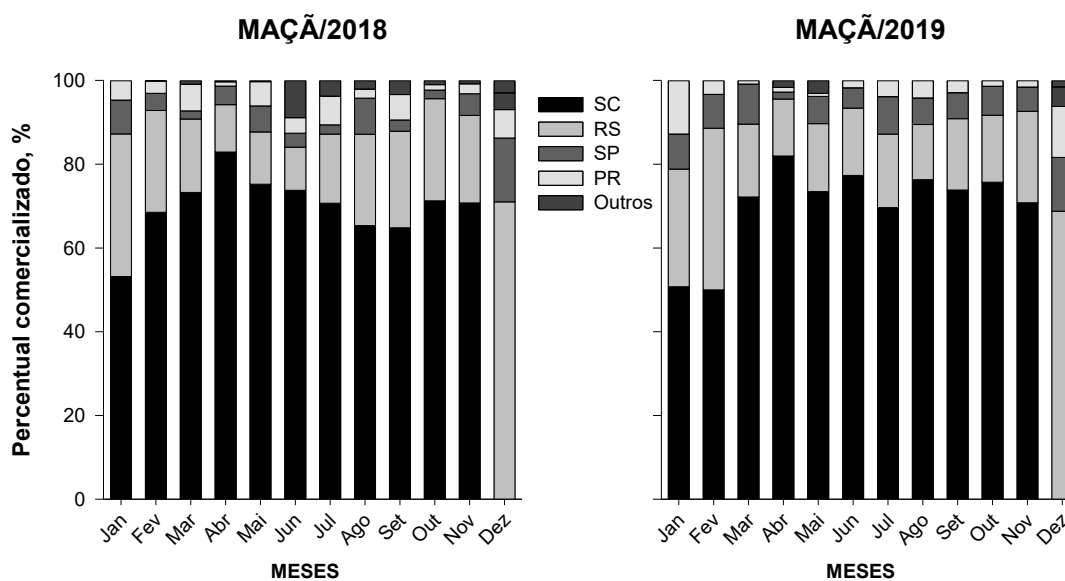
Figura 25. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da laranja nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.2.5 Maçã

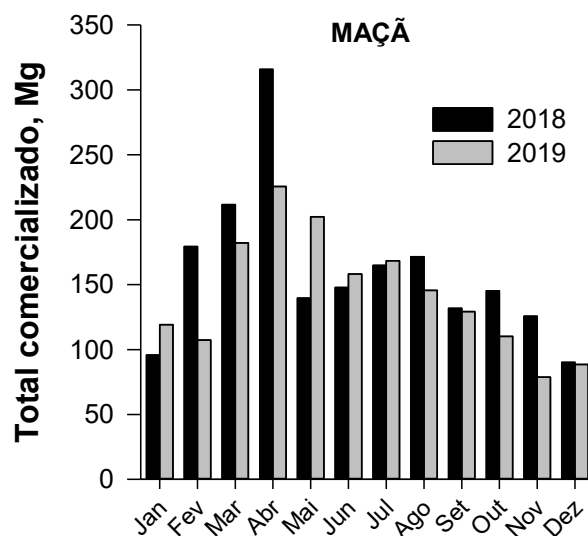
O abastecimento de maçã na CEASA, teve sua origem, principalmente, dos estados de SC e RS que ofertaram, aproximadamente, 89% da maçã comercializada nos anos de 2018 e 2019 (Figura 26). Além desses estados, SP e PR foram responsáveis pela oferta de 4,8 e 3,9% em 2018 e 7,1 e 3,3% em 2019, respectivamente. As maiores ofertas de maçã pelos estados de SC e RS explicam-se pelo fato de serem os maiores produtores nacionais, sendo que na safra 2016/17 SC foi o maior produtor, com 638 mil Mg, enquanto o RS produziu 577 mil Mg (Kist et. al., 2018b). Já no ano de 2018, o Brasil produziu 1.195 milhões de Mg, dos quais o RS foi responsável por 583 mil Mg, cerca de 48,8%, e SC produziu 567 mil Mg, cerca de 47,5% (IBGE, 2018).

Figura 26. Origem, por estado, da maçã comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



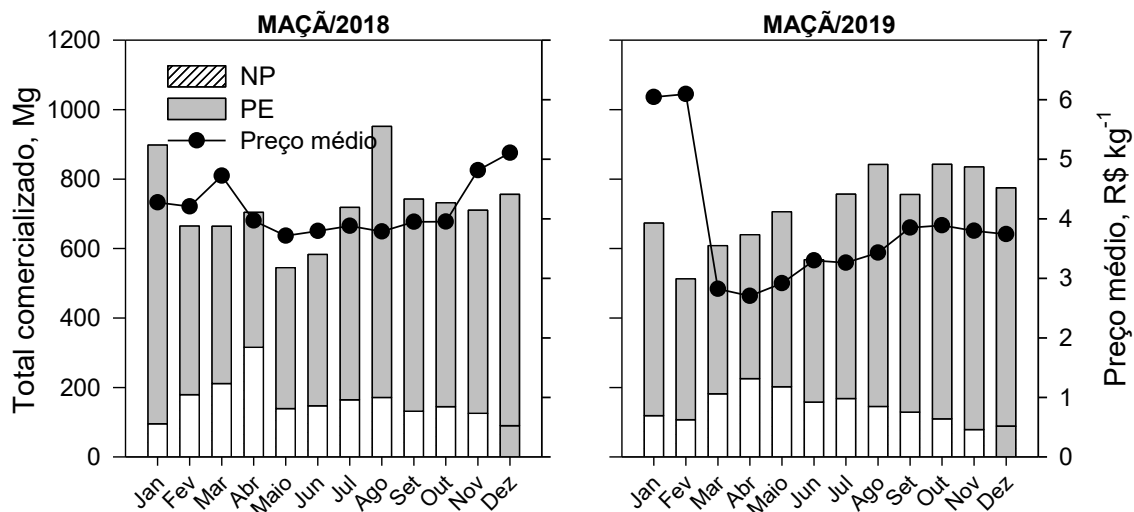
A oferta de maçã no setor não-permanente foi significativa nos anos de 2018 e 2019 (Figura 27). Isso se justifica pelo fato de o estado de SC ter sido o maior produtor nacional de maçã na safra 2016/2017 (KIST et. al., 2017), seguido pelo RS.

Figura 27. Total de maçã comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A maçã foi um produto que teve participação no setor não-permanente de 22,14% e 20,15% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente, com o setor permanente complementando a oferta (Figura 28). O ano de 2018 iniciou com os preços normalmente elevados para a cultura da maçã, pois a safra inicia-se em fevereiro/março e os valores tendem a aumentar com a tendência de redução dos estoques. Em 2018, a produção em SC teve influência da falta de frio e de pouca chuva na florada, o que gerou frutos menores, além de uma produção menor do que em 2017, ano em que atingiu-se o recorde de produção. Isso ocasionou a escassez de fruta de calibre apreciado pelo consumidor, além da demanda das frutas de qualidade para a exportação, levando assim ao aumento nos preços. No início de 2019 os preços estavam elevados, pelo baixo estoque de produtos com qualidade e, apesar de queda na produção, cerca de 10% em relação a 2018, a qualidade dos frutos melhorou e supriu o mercado.

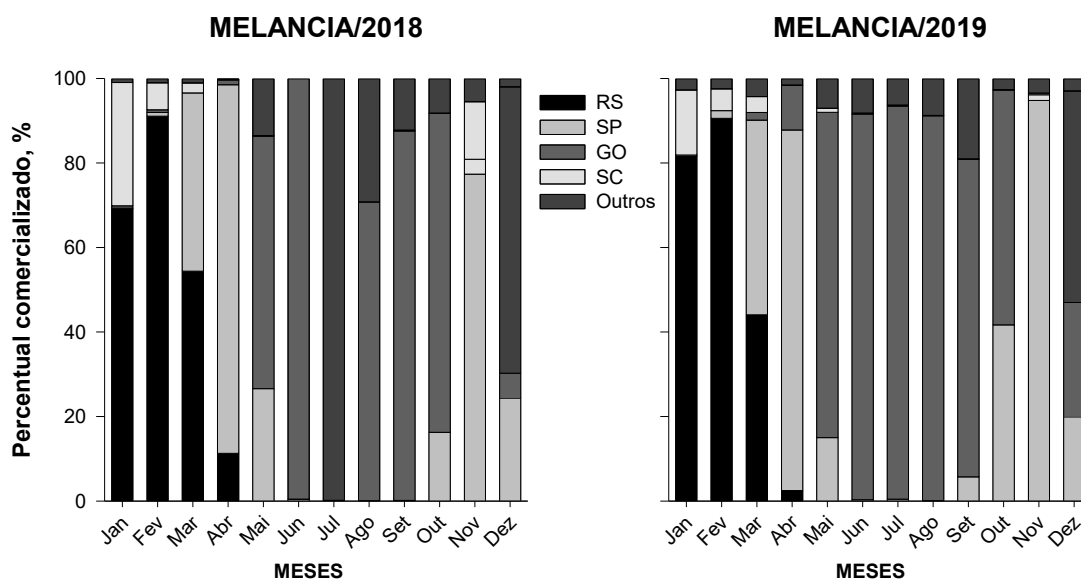
Figura 28. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da maçã nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.2.6 Melancia

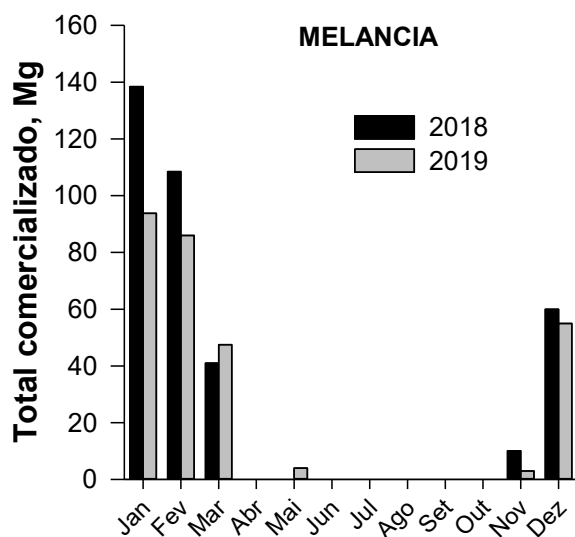
A melancia é, entre os produtos estudados, aquele que apresenta a maior variação em termos de origem. Do total de melancia comercializada pela CEASA, 33,3 e 33,4% tem origem do RS, 22,4 e 28,5% tem origem em SP, 20,2 e 22,2% são provenientes de GO e 16,1 e 11,5% são de SC, para os anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 29). Nos meses mais quentes do ano, a oferta de melancia é, predominantemente, suprida pelos estados do RS e SC, complementado por SP, enquanto que nos meses mais frios a origem da melancia é, predominantemente, do estado de GO. Outros estados foram responsáveis pela oferta de, aproximadamente, 8,0 e 4,4% da melancia comercializada na CEASA nos anos de 2018 e 2019, respectivamente.

Figura 29. Origem, por estado, da melancia comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A melancia é uma cultura que apresenta certa tradição nas regiões litorâneas de SC, porém a participação da produção catarinense representa apenas 2,05% da produção nacional. Porém, tem sua produção escoada em parte na CEASA, diretamente pelo produtor rural (Figura 30).

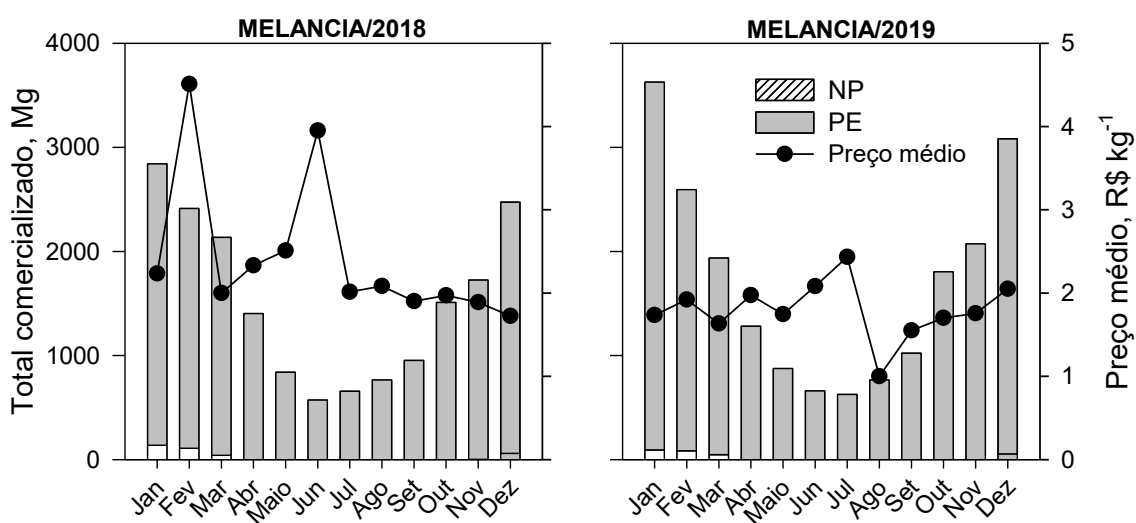
Figura 30. Total de melancia comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A melancia é uma cultura com sazonalidade característica no estado de SC e sua comercialização tem mais tradição no setor permanente pela regularidade de

oferta, assim como, melhor estrutura de comercialização, como balanças, carrinhos de transportes mais acessíveis, melhor acesso ao produto, em termos de mobilidade, e, portanto, poucos produtores levam o produto diretamente no setor não-permanente (Figura 31). Porém, SC foi a origem de 16,13% e 11,46% do total da melancia que foi comercializada na CEASA, comprovando que o setor não-permanente não tem tradição de oferecer esse produto. Os preços de comercialização na CEASA (Figura 31) têm como característica acompanhar a produção do RS, enquanto SC tem produção significativa nos meses de janeiro e fevereiro, sendo que nessas épocas o valor da melancia tende a ser mais baixo do que quando originadas de SP e GO. Em fevereiro de 2018 a melancia teve alto custo pelo fato da cultura ter tido queda na oferta nacional, devido aos baixos preços dos anos anteriores, e redução na área cultivada na safra 2018 (HORTIFRUTIBRASIL, 2018). Já em 2019, o setor se recuperou, aumentando a oferta e reduzindo os preços (HORTIFRUTIBRASIL, 2019). Nos meses de maio e junho de 2019 a queda acentuada no preço, em relação a 2018, deve-se ao período da greve dos caminhoneiros. Porém, por ser uma fruta constituída quase em sua totalidade por água, o maior consumo ocorre nos meses de verão, devido o calor, ocorrendo baixa procura no inverno.

Figura 31. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da melancia nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.

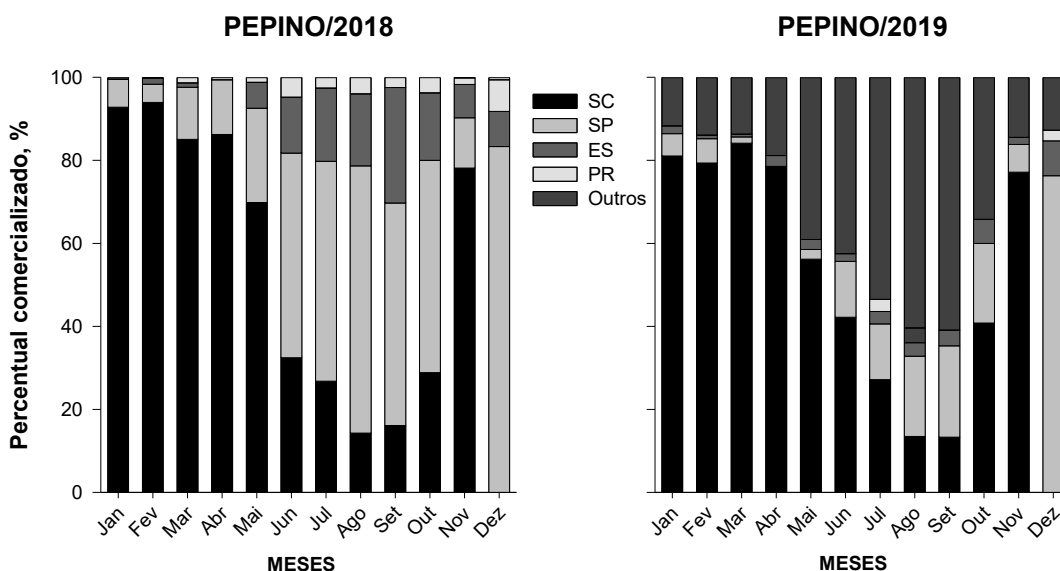


6.2.7 Pepino

O pepino comercializado na CEASA tem origem, principalmente, no estado de SC, o qual foi responsável pela oferta de 60,0 e 55,8% do pepino comercializado nos

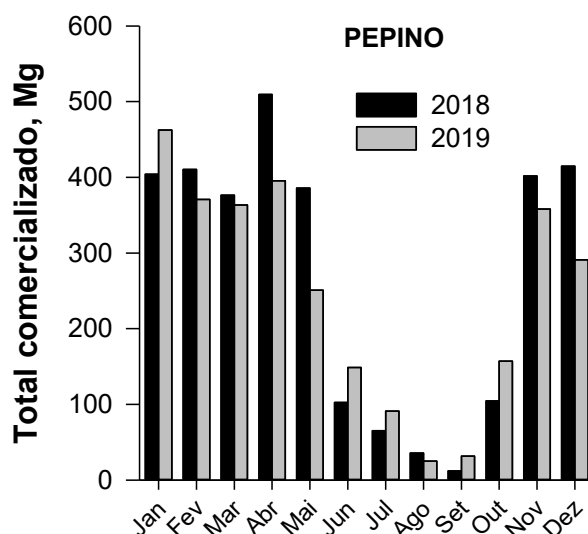
anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 32). No entanto, a origem do pepino apresenta grande sazonalidade ao longo do ano, sendo que nos meses de janeiro a maio e novembro e dezembro, SC foi origem de 84,2 e 76,1% do pepino comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 32). Já nos meses de junho a outubro, SC foi responsável por apenas 22,4 e 24,0% do pepino comercializado, sendo o restante ofertado pelo estado de SP, responsável pela oferta de 55,1 e 54,3% do pepino comercializado nos anos de 2018 e 2019, respectivamente. Em uma escala menor, ES, PR e outros estados foram responsáveis pela oferta de 11,7 e 12,8% do total do produto.

Figura 32. Origem, por estado, do pepino comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



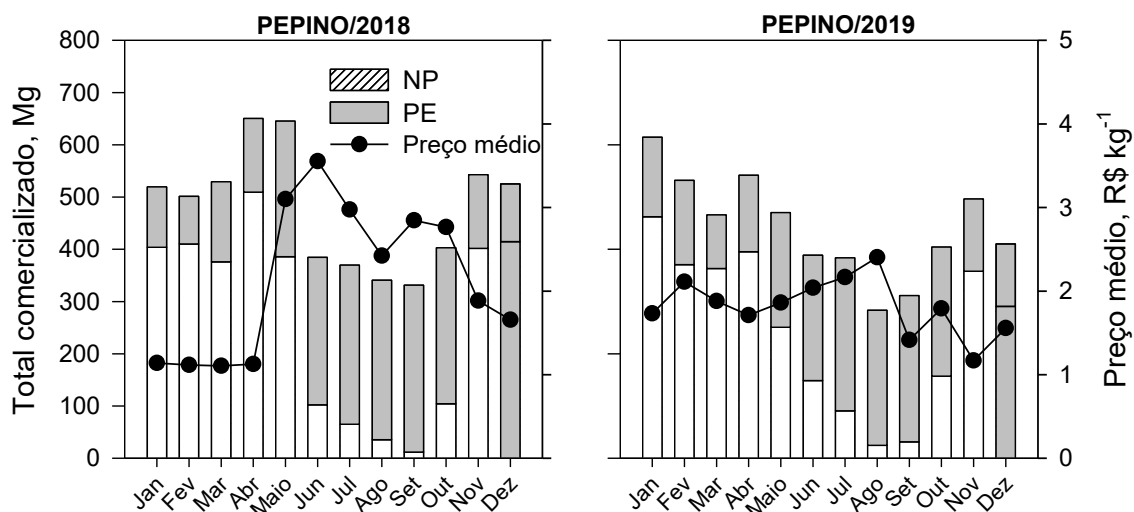
O pepino é uma cultura com sazonalidade característica, apresentando-se fortemente nos meses de safra no setor da pedra (Figura 33). SC é o 7º maior produtor nacional com 8 mil Mg, o que representa cerca de 4,9%, segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2017), caracterizando assim a garantia de que o produto é oriundo do estado.

Figura 33. Total de pepino comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



No setor não-permanente a participação na comercialização do pepino foi de 56,1 e 56,5% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente, uma vez que SC entregou 64,7% e 60,5% do total que entrou na CEASA (Figura 34). Cabe ressaltar que essa cultura teve 86,6 e 91,7% do total catarinense comercializada na pedra, mostrando a importância deste produto para os produtores rurais que ali vendem sua produção. O pepino é uma cultura com sazonalidade característica, pois não tolera temperaturas baixas, características do inverno Catarinense, então, a partir de junho há tendência de aumento dos preços. Assim, quando o produto é predominantemente oriundo do estado de SC, de outubro a abril, os preços se mantêm mais baixos do que de maio a setembro, oriundo de SP e do ES. Nos meses de maio a setembro de 2018, houve aumento significativo no valor de comercialização do pepino na CEASA, coincidindo com os meses de menor produção no estado Catarinense, com alta um pouco maior no ano de 2018, devido à greve dos caminhoneiros, podendo-se observar ainda, um aumento no mesmo período de 2019, porém, com menores valores.

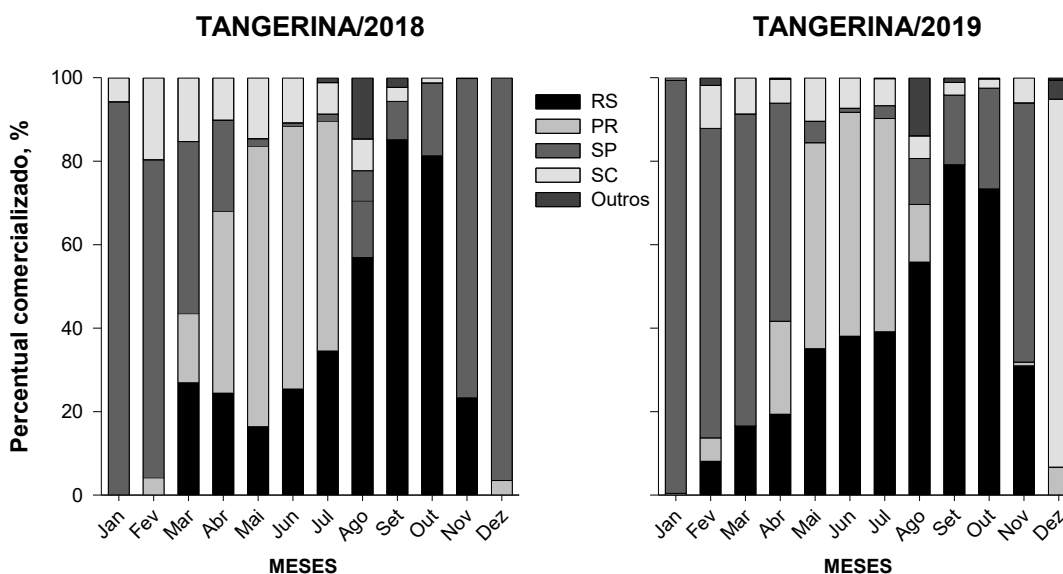
Figura 34. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do pepino nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.2.8 Tangerina

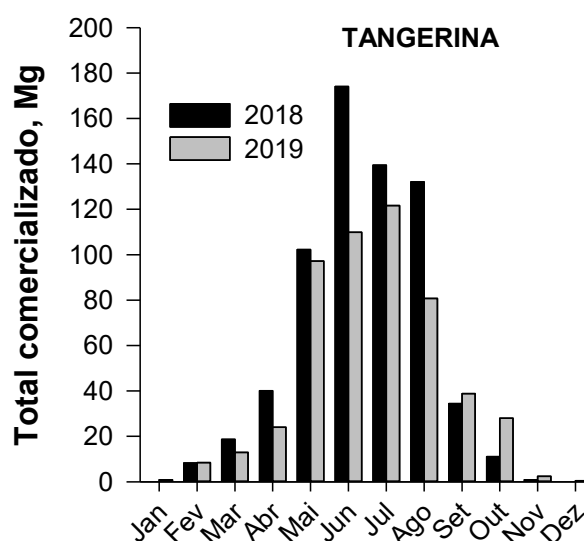
A tangerina representa um grupo de frutas como a tangerina comum, a tangerina pokan e a murcote. Para esse produto há uma grande sazonalidade durante o ano, com grande participação dos estados do RS e PR, nos meses maio a outubro, e SP, nos meses de novembro a fevereiro (Figura 35). O estado do RS foi o principal fornecedor desse produto, com 42,4 e 45,8%, enquanto o estado do PR foi responsável por 32,1 e 25,0% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente. Já o estado de SP, que tem maior participação na oferta de tangerina nos meses de novembro a fevereiro, apresentou oferta 15,1 e 21,1% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente. SC por sua vez teve participação de 7,5% em 2018 e 5,8% em 2019, tendo importância na oferta dos produtos nos meses de fevereiro a agosto. Outros estados complementaram a oferta com 2,96% em 2018 e 2,29% em 2019.

Figura 35. Origem, por estado, da tangerina comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



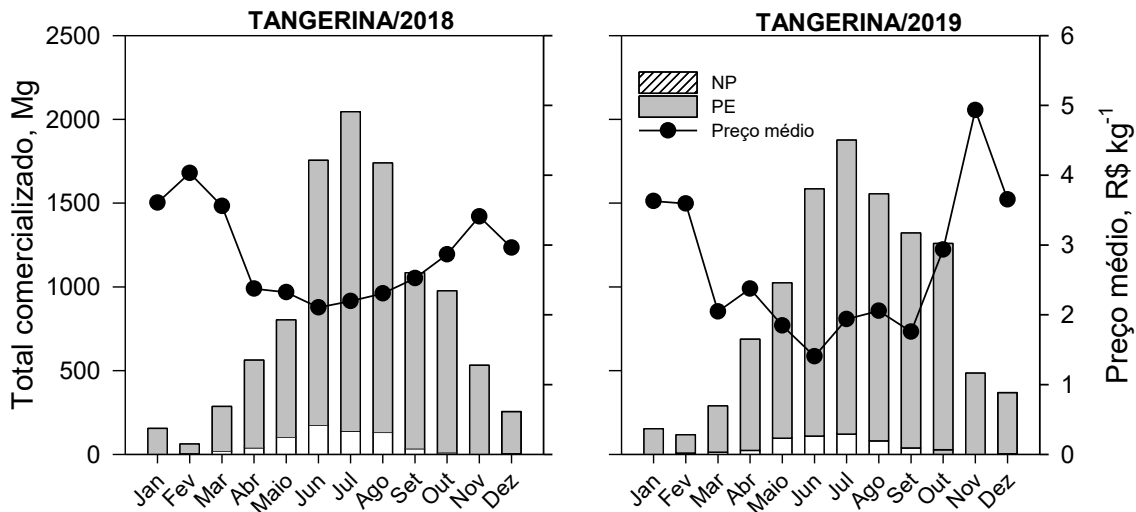
A tangerina é uma fruta sazonal, como já demonstrado na Figura 35, em que há maior oferta de tangerina oriunda de SC na época da safra (maio a agosto) na CEASA como um todo, e também no setor não-permanente (Figura 36). Para esse produto, SC apresenta produção pequena, com cerca de 9 mil Mg, o que representa, aproximadamente, 0,8% da produção nacional (IBGE, 2018).

Figura 36. Total de tangerina comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A tangerina teve participação de venda de apenas 6,45% e 4,90%, no setor não-permanente, nos anos de 2018 e 2019, respectivamente. Porém, representando 86,38% e 84,62% do total originado no estado catarinense, o que mostra a importância do setor para o escoamento da produção dos agricultores locais (Figura 37). A tangerina tem sua variação de preços com a sazonalidade de ofertas e com as épocas de ofertas dos demais estados, elevando os preços quando SC sai do mercado e o produto vem de locais mais distantes, e com outras pressões na cadeia de comercialização. Assim, há tendência de os preços estarem mais baixos nos meses de safra nos estados do sul, com RS, PR e SC dentro do mercado, garantindo menores custos de frete, assim como, uma produção concentrada localmente, além de a cultura ter um curto período de vida útil, havendo alta nos preços praticados com a entrada da tangerina de SP.

Figura 37. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da tangerina nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.

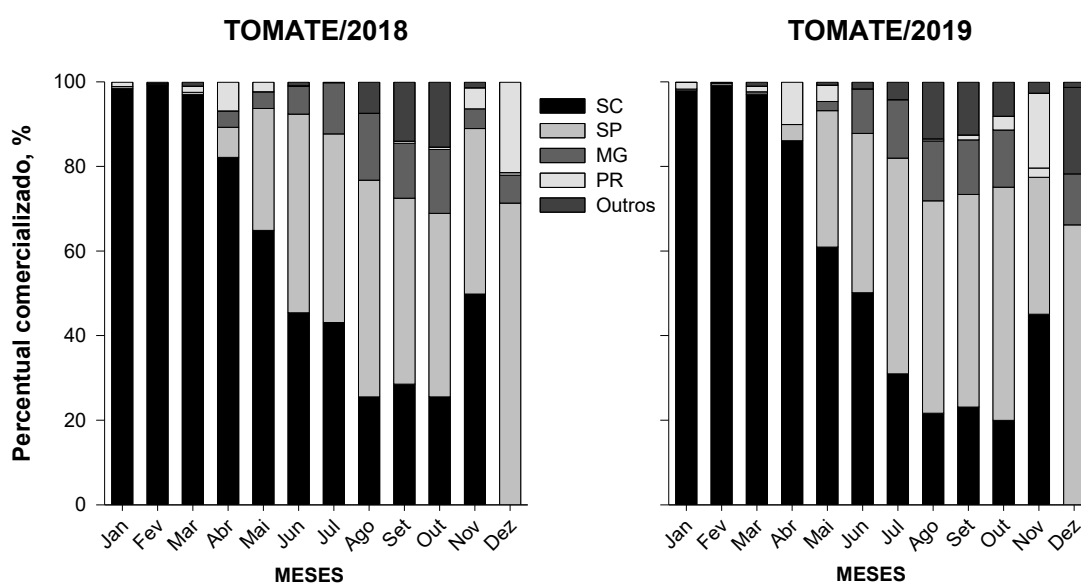


6.2.9 Tomate

O tomate teve sua origem, principalmente, do estado de SC, com 61,7 e 58,4% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 38). Semelhante a outros produtos, a oferta de tomate também apresenta sazonalidade, sendo que SC foi responsável pela oferta de, aproximadamente, 94,2 e 95% do tomate comercializado na CEASA nos meses de janeiro a abril, enquanto SP foi responsável pela oferta de 46,0 e 48,9%

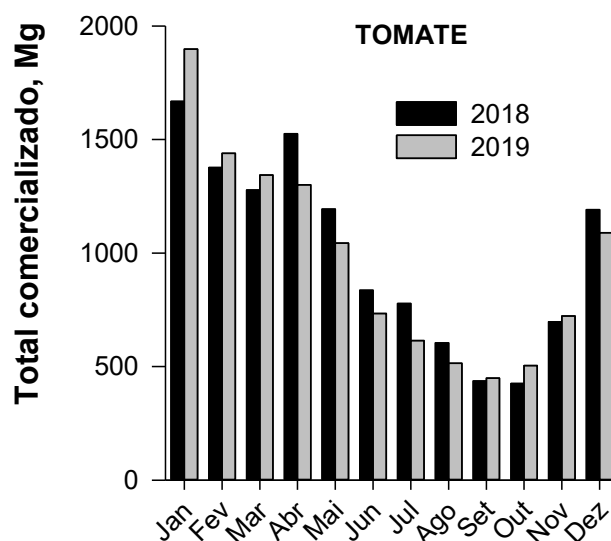
do tomate comercializado nos meses de junho a outubro de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 38). Os estados de MG, PR e outros estados, somados, tiveram participação na oferta de tomate de 13,0 e 14,7% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente.

Figura 38. Origem, por estado, do tomate comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



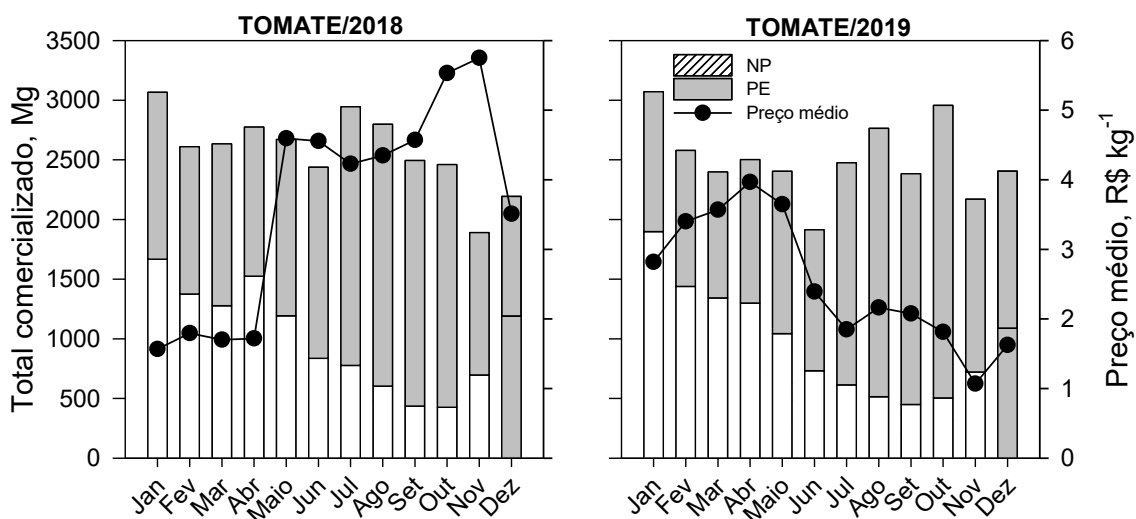
O tomate é um dos produtos mais importantes comercializados na CEASA para os agricultores catarinenses, uma vez que possui alto valor de comercialização, apresentando assim, expressiva participação no setor não-permanente (Figura 39). É um produto presente na mesa dos brasileiros, seja na salada ou no molho, sendo um dos principais itens do hortifruti nacional, tendo boa produção no estado de SC, o qual é responsável pela produção de, aproximadamente, 175 mil Mg. O estado ocupa a 6ª posição no ranking nacional de produção, com participação de 4,3%, segundo dados do IBGE (2018).

Figura 39. Total de tomate comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



O setor não-permanente foi responsável por 38,8% e 38,8% do total de tomate comercializado na CEASA, nos anos de 2018 e 2019 (Figura 40). É uma importante cultura para os produtores do setor permanente, pois do total originado em Santa Catarina, 62,8 e 66,4% do total, foi ali comercializado, demonstrando ainda mais, sua função para manutenção destes no campo, por proporcionar competitividade na CEASA. Em 2018 o tomate manteve o padrão dos preços mais reduzidos nos meses iniciais do ano, pelo fato do produto ser na sua maioria originado no estado Catarinense, uma vez que há concentrada produção local e ao fato da necessidade de venda rápida, motiva pela perecibilidade do produto. A partir do mês de maio, aliado a redução natural da oferta Catarinense, houve aumento na cotação média do produto devido à greve dos caminhoneiros, e esta cotação aumentada se manteve ao final de 2018, devido as adversidades climáticas (seca) que acometeu o estado catarinense no final daquele ano. Iniciou-se o ano de 2019 com valores mais elevados, seguindo as tendências de baixa oferta do produto local, devido a seca, com normalização dos preços praticados, com a posterior estabilização da oferta.

Figura 40. Total comercializado e preço médio de comercialização a nível de atacado do tomate nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



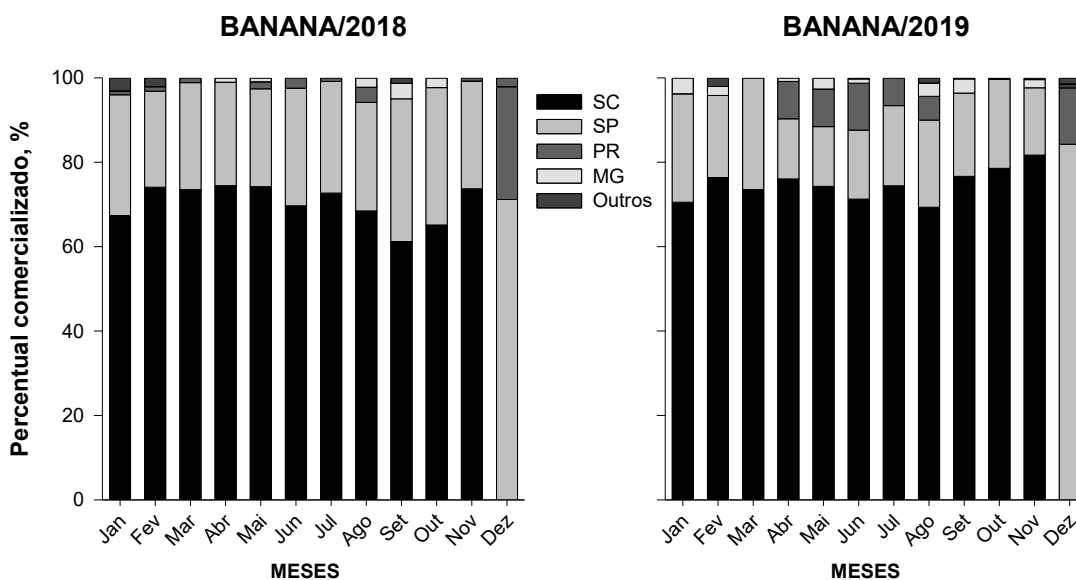
6.3 Produtos Catarinenses Tradicionais

Neste item estão agrupados os produtos que além de ter participação importante e serem tradicionais, mantém a oferta ao longo do ano, abastecendo praticamente a totalidade da demanda de comercialização destes produtos, sendo eles Banana, Batata Doce, Chuchu e Repolho.

6.3.1 Banana

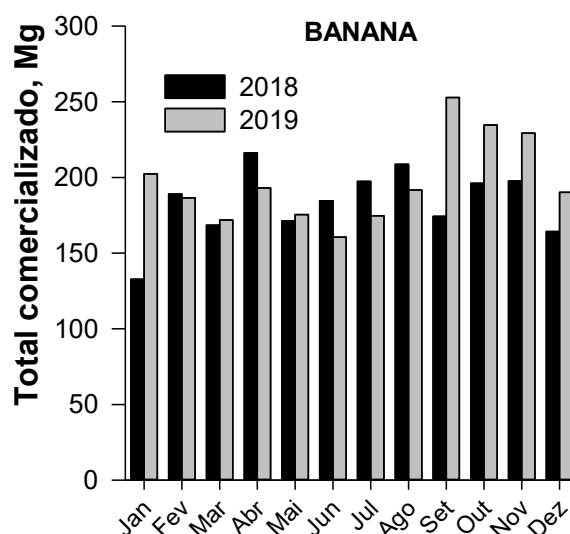
A banana comercializada na CEASA teve sua origem, predominantemente, de SC e SP, sendo SC o principal estado de origem deste produto, com fornecimento de 70 e 75% do total comercializado no período em estudo (Figura 41), já o estado de SP foi responsável por 27 e 19%, do total de banana comercializado na CEASA. O complemento da oferta teve origem em MG, com 0,86 e 3,45%, PR, com 1,20 e 1,53%, e de outros estados, com 0,55 e 0,51%. Segundo o IBGE (2018), SC é o 4º maior produtor nacional de banana, com 709 mil Mg, explicando a ampla oferta do produto. Além disso, a banana é um produto perecível e de rápido processo de maturação, além de ter baixo valor agregado, não sendo recomendado o transportado para locais muito distantes de onde é produzida, pois perde muito rapidamente seu valor de mercado.

Figura 41. Origem, por estado, da banana comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



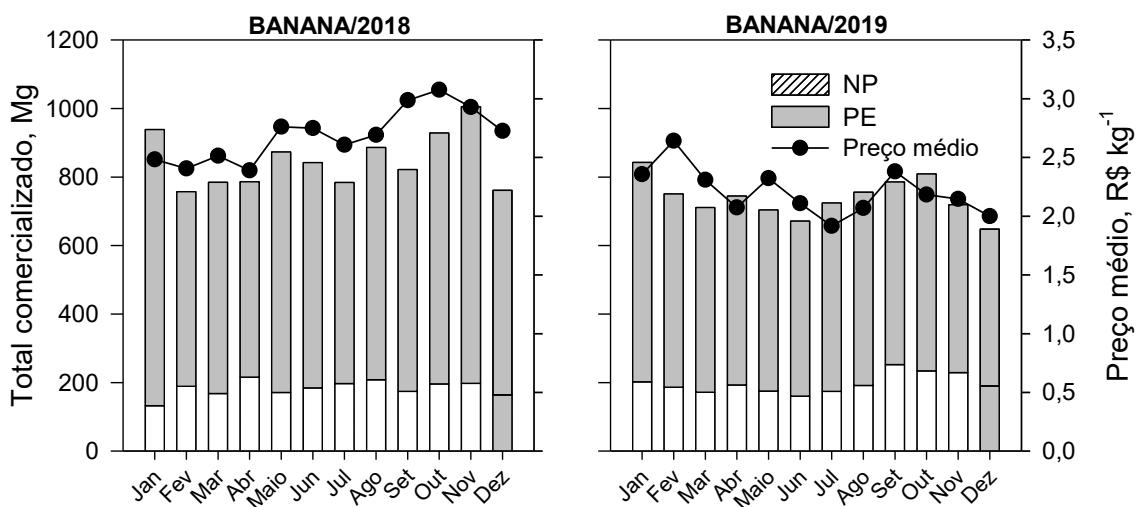
A banana tem presença maior no setor não permanente (Figura 42), uma vez que é uma cultura com tradição no estado, tanto na região do Planalto Norte, quanto no Sul (EPAGRI/CEPA, 2019). Em caráter nacional, SC foi responsável, em 2018, pela produção de 709 mil Mg, cerca de 10,5%, ocupando a 4ª posição do ranking nacional (IBGE, 2018). Observa-se que a oferta de banana no setor não permanente mantém-se estável durante todo o ano, com uma tendência de queda no inverno, período em que a produção tem diminuição, por sofrer influência climática.

Figura 42. Total de banana comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



Por ser tradicional no estado Catarinense, a banana supriu 70 e 75% do total comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019, respectivamente, sendo que no setor não-permanente foram comercializadas cerca de 2,2 e 2,3 mil Mg de banana, nesses mesmos anos, o que corresponde a 30,8 e 35,7% do total originado em SC. Ou seja, cerca de 1/3 da banana comercializada na CEASA foram vendidos no setor não-permanente, diretamente pelos produtores, o que mostra a importância desse item para os produtores na CEASA (Figura 43), sendo assim, um produto chave na manutenção do homem do campo, exercendo um importante papel social, e um produto indicador da manutenção da agricultura familiar. No setor permanente foram comercializadas 7,9 e 6,5 mil Mg da fruta no período estudado, provenientes de outros estados e também de SC. A banana teve uma queda de preços no ano de 2019 (figura 43) e isso ocorreu pela normalização da produção, o que equilibrou a demanda e oferta e, conseqüentemente, os preços voltaram a se equilibrar. Em 2018 a estiagem e a antecipação da colheita resultaram na elevação de preços, segundo EPAGRI/CEPA (2020).

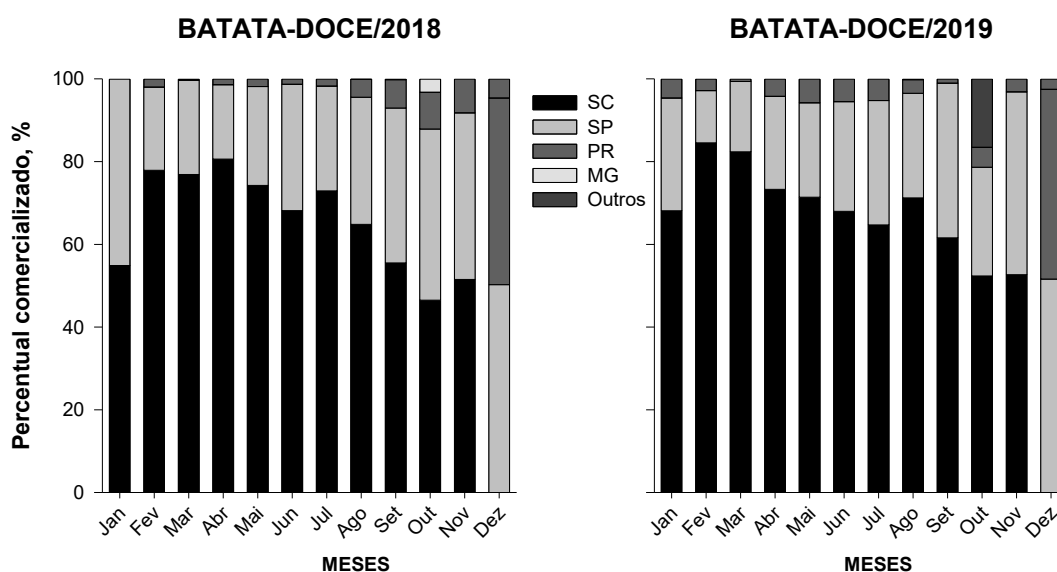
Figura 43. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da banana nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.3.2 Batata-Doce

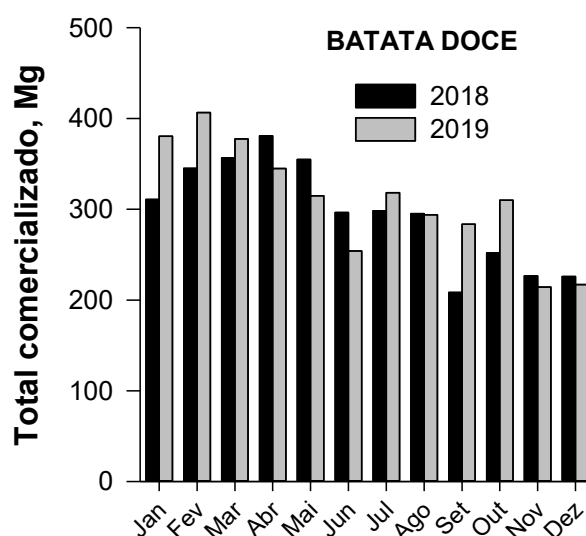
A batata doce foi um produto que não oscilou muito em função da origem, nos anos de 2018 e 2019, em que SC e SP mantiveram suas participações médias de 65 e 30%, respectivamente, do total comercializado na CEASA (Figura 44). O restante foi complementado com produtos oriundos dos estados do PR e MG. Os dados do IBGE (2018) mostram que o RS é o maior produtor nacional de batata-doce, com 175 mil Mg anuais, seguido por SP, com 149 mil Mg. O estado de SC aparece somente na 11ª posição com pouco mais de 14,5 mil Mg, correspondendo a 2% da produção nacional. Isso explica a maior oferta de batata-doce oriunda de SP, uma vez que o estado oferece escala de produção, reduzindo assim o valor pago ao produtor, e com conseqüente compensação pelo preço de frete, além da qualidade superior do produto, com maior apreciação do mercado consumir da CEASA, devido a características de coloração e formato mais atrativos.

Figura 44. Origem, por estado, da batata doce comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A batata doce comercializada no setor não-permanente (Figura 45) responde por, aproximadamente, 88% do total originado no estado de SC. Isso mostra que o produto tem grande aceitação e tradição na agricultura familiar catarinense, assim como, demonstra a importância desse produto como função social de manutenção do homem no campo.

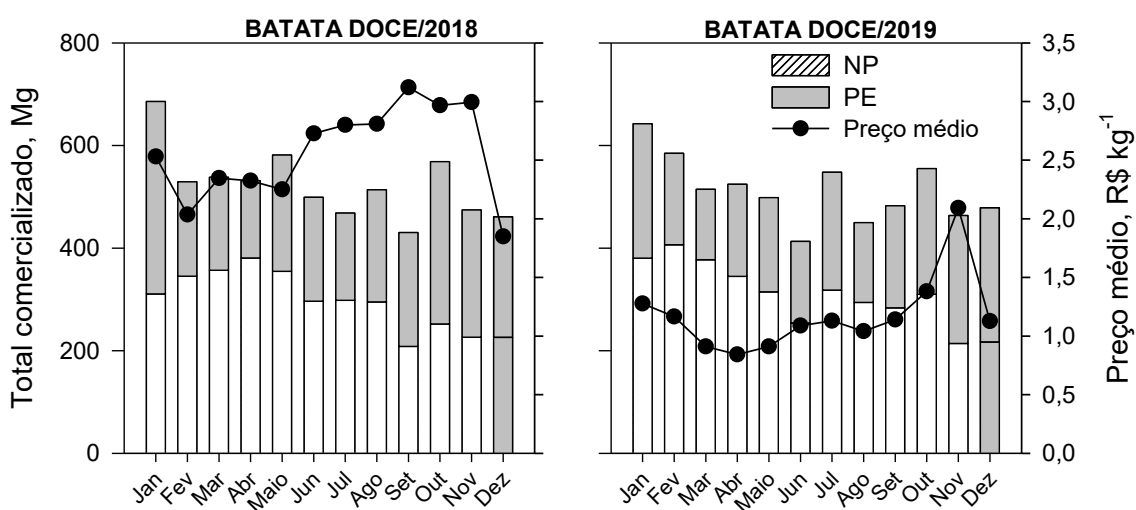
Figura 45. Total de batata doce comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



A batata doce tem grande aceitação de cultivo pelos produtores, por ser uma cultura de baixa custo de implantação e, por consequência, menor risco para a

segurança financeira da unidade familiar. Aliado a estes fatores, a batata-doce está ligada a ter seu consumo incentivado nos programas de alimentação saudável, por nutricionistas de todo país. Em relação aos preços praticados (Figura 46), a batata doce apresentou uma queda significativa nos preços de 2018 para 2019, o que ocorreu provavelmente pela queda da área plantada em 2018, produzindo praticamente a metade do que foi produzido em SC no ano de 2017, segundo IBGE (2018). Em virtude da menor oferta do produto ocorreu elevação dos preços em 2018, pois o mesmo precisou ter a oferta suprida por outras regiões, com maiores custos envolvidos.

Figura 46. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, da batata doce nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.3.3 Chuchu

O chuchu comercializado na CEASA tem origem, principalmente, de SC, com fornecimento médio de, aproximadamente, 87 e 84% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 47). A oferta de chuchu com origem Catarinense é relativamente regular durante o ano, com ligeira queda no segundo semestre e nos meses de janeiro e fevereiro. Os outros estados que apareceram na lista da origem do chuchu foram o ES, com 10,8 e 14,8%, PR, com 1,3 e 0,9%, e SP, com participação de 0,6 e 0,2%. Segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2017), o ES é o maior produtor de chuchu do Brasil, respondendo por 18,4% do total nacional, apesar da

cultura carecer de dados, nota-se que SC consegue suprir a demanda do mercado, mesmo que responda somente por 1,8% da produção nacional, e que o produto de outros estados só se torna competitivo, quando há a escassez no estado.

O chuchu é um produto de demanda regional e que tem o mercado atendido basicamente pela produção local, sendo assim, aparece frequentemente dentre os produtos comercializados no setor não permanente (Figura 48).

Figura 47. Origem, por estado, do chuchu comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.

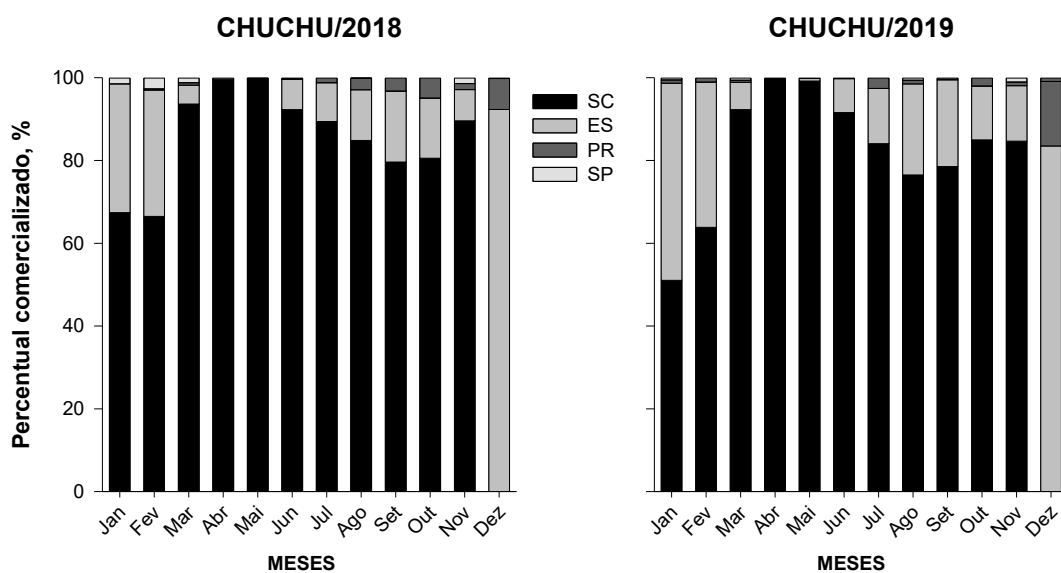
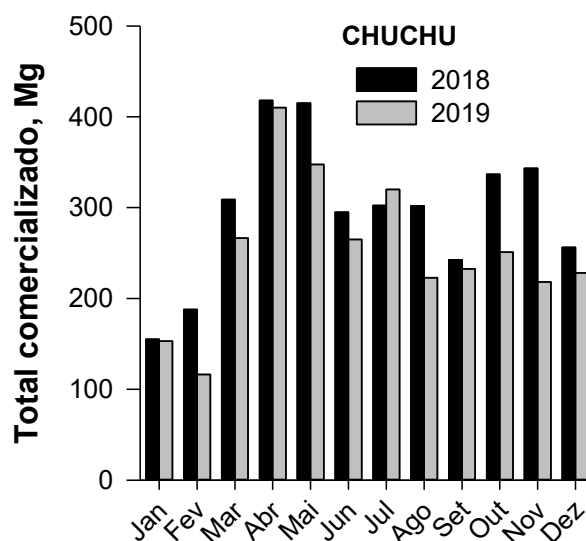


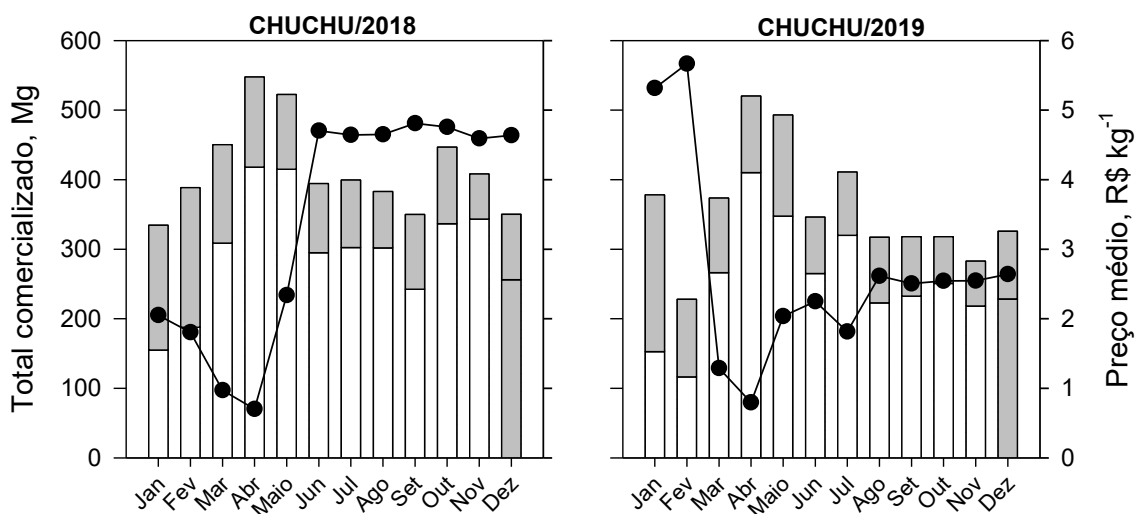
Figura 48. Total de chuchu comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



O chuchu é uma cultura de grande importância para o setor não permanente, pois 71,6 e 70,3% do total comercializado em 2018 e 2019, respectivamente, tiveram origem neste setor (Figura 49). O estado de SC foi a origem de 87,3 e 84,2% do total comercializado nos setores da CEASA no período estudado, sendo o restante da oferta oriunda, principalmente, do ES, maior produtor nacional e que tem produção o ano todo. O cultivo do chuchu catarinense tem limitações climáticas devido aos meses frios e com ocorrências de geada, os quais podem reduzir o crescimento, inviabilizar a frutificação e até dizimar as plantas.

Os preços do Chuchu (Figura 49) variam basicamente devido às variações de oferta do estado Catarinense, onde há elevação dos preços praticados quando o produto vem de outros estados. Nos meses quentes em SC, janeiro e fevereiro, tem tendência de alta nos preços pela redução da produção do produto devido às condições climáticas, quando o tempo mais seco e quente, faz com que a produção caia. A elevação do preço nos meses de janeiro e fevereiro de 2019 se deram principalmente pelas condições de seca, do final de 2018, que reduziram ainda mais a oferta do produto de SC, pressionando assim, a busca do produto de outros estados. Nota-se também que os preços mantiveram-se em alta a partir de maio de 2018, devido às condições climáticas combinada com a paralisação dos caminhoneiros.

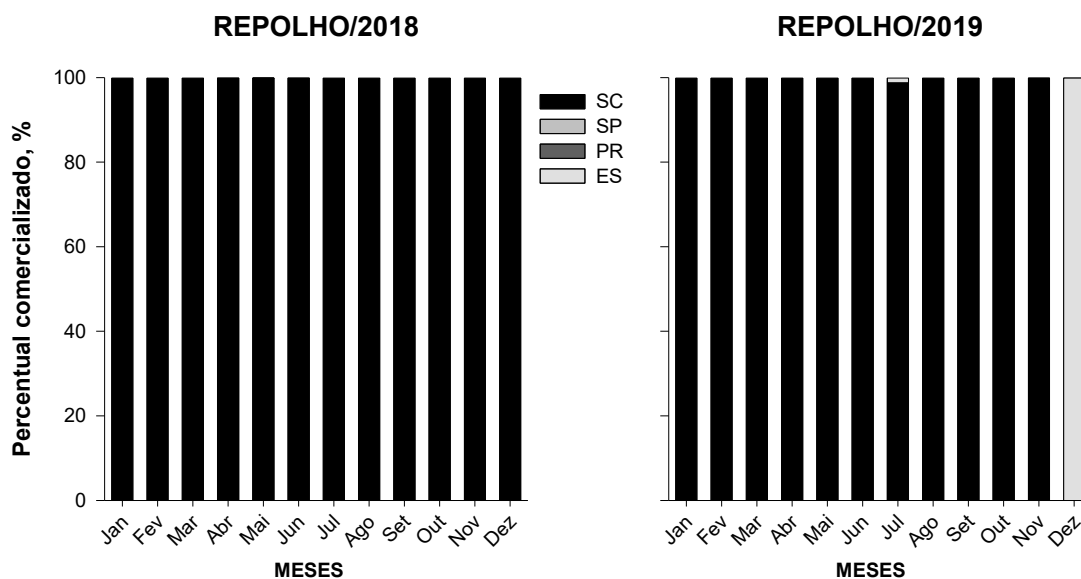
Figura 49. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do chuchu nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.3.4 Repolho

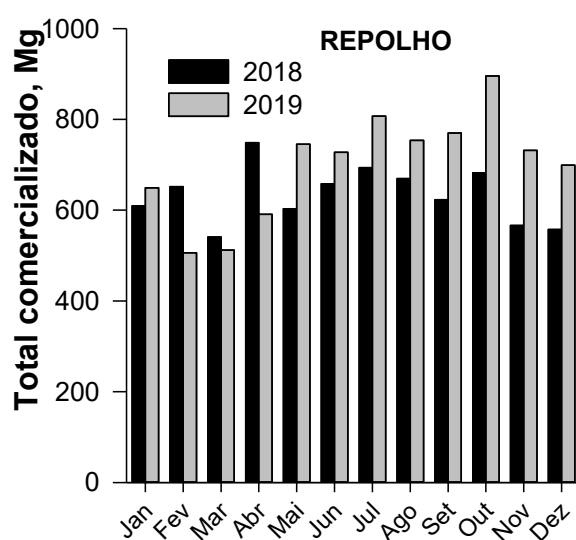
A origem do repolho comercializado na CEASA foi quase que na totalidade do estado de SC, com oferta de 99,9 e 99,8% nos anos de 2018 e 2019, respectivamente (Figura 50). Apenas para questão de registro, há pequenas contribuições dos estados de SP e PR que, somados, tiveram participação de 0,05 e 0,15% no total do produto repolho comercializado no período estudado.

Figura 50. Origem, por estado, do repolho comercializado na CEASA nos anos de 2018 e 2019.



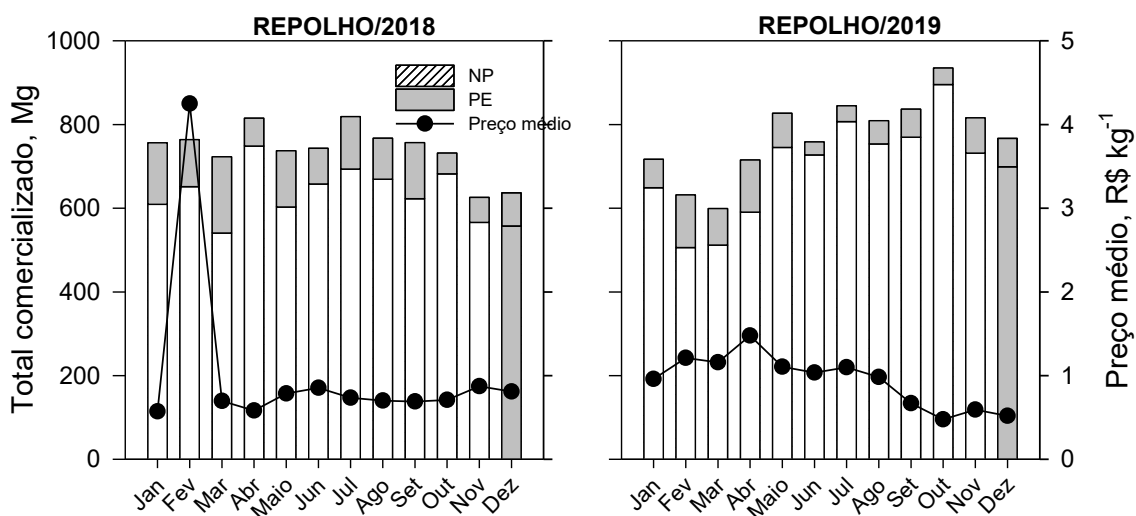
O repolho tem presença assídua no setor não permanente por ser uma olerícola que tem boa adaptabilidade à região da grande Florianópolis e, principalmente, nos municípios com maior altitude do estado, pois estas localizações propiciam melhores condições de clima, com uma leve queda de produção nos meses mais quentes do ano (Figura 51). O estado de SC apresenta boa produção, com cerca de 44 mil Mg, o que representa cerca de 9,6% do total da produção nacional, justificando a presença desse produto nas bancas do setor não-permanente.

Figura 51. Total de repolho comercializado no setor não-permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



O repolho é uma cultura que tem características de produção e comercialização regional, sendo um produto comercializado quase que exclusivamente no setor não-permanente, que foi responsável por 85,6 e 90,61% entre 2018 e 2019 (Figura 52). O Repolho é uma cultura que vem praticamente toda de SC, com cerca de 99%, tendo variações de preços então, de acordo com a oferta regional, e com variações de acordo com os fatores climáticos.

Figura 52. Total comercializado e preço médio de comercialização, a nível de atacado, do repolho nos setores permanente e não permanente da CEASA nos anos de 2018 e 2019.



6.4 Discussão Geral

De maneira geral podemos observar que os produtos estudados sofrem diversas influências ao longo do ano, onde diversos fatores influenciam no centro de origem dos mesmos, refletindo a necessidade da busca pelo suprimento da demanda de produtos. O local de produção e a distância da origem, até o ponto final de comercialização, ou seja, a CEASA, é apenas um fator de formação de preço, onde o frete nem sempre é o principal elemento do custo, pois há casos em que a escala de produção local e a necessidade de venda rápida dos produtos devido a perecibilidade, reduzem os preços pagos aos produtores das outras regiões, o que acaba compensando o valor do frete e, por consequência, não há grandes variações de preço, se comparado aos produtos originados mais próximos da CEASA. Pode-se observar esses fatores na variação de preços da Tangerina, Melancia e da Laranja, por exemplo.

Já alguns produtos que são produzidos tradicionalmente no estado de SC, a oscilação de preços se dá diretamente pela relação de oferta ou escassez do mesmo, onde a entrada de produto oriunda de outros estados, resultou em alta nos valores praticados. O repolho, a banana, o chuchu e a batata-doce, são exemplos de produtos

que sofrem variações de preços na medida que a origem destes deixa de ser Catarinense.

Um outro grupo que figura nos resultados, é o dos atípicos catarinenses, formados por abacaxi, mamão e manga, pois os mesmos não possuem expressão comercial no estado, o que obrigatoriamente exige a busca dos mesmos em outros centros de origem, dos quais o agricultor catarinense não tem tradição de cultivo ou não estão no zoneamento agroclimático do estado.

Como pode-se observar, os produtos com maior tradição na agricultura catarinense têm sua participação garantida no setor não-permanente, porém grande parte do que é produzido em SC ainda é comercializado pelas empresas no setor permanente. Esse comportamento pode ser explicado pelo fato dos compradores preferirem o setor permanente, que tem garantia de oferta de produto ao longo do ano, ao contrário dos produtores rurais, que só têm oferta de um determinado produto, de acordo com a sazonalidade catarinense. Além disso, nem todos os produtores têm veículo, tempo e disponibilidade de se deslocar da sua propriedade e comercializar sua produção no setor não permanente, preferindo assim, entregar aos boxes ou a intermediários. Outro fator que possibilita maior volume de comercialização nos boxes é que estes trabalham com serviços de entrega fora da CEASA, ou seja, realizam vendas e entregas direto aos mercados e sacolões, diminuindo o contato destes com o setor não-permanente, além de oferecer um mix de produtos maior, devido a possibilidade de buscar produtos em outros centros de origens que não somente o catarinense.

7. Considerações finais

Dos produtos estudados, SC apresenta maior participação no total comercializado, com cerca de 33% nos anos de 2018 e 2019, mostrando que cerca de dois terços do total comercializado são disponibilizados por outros estados/centro de origem, demonstrando, em alguns casos, a oportunidade de promoção e incentivo de culturas chave para o desenvolvimento da agricultura catarinense.

A variação de oferta dos produtos, em relação ao seu estado de origem, é um dos fatores que influencia na formação dos preços praticados mensalmente pelos usuários da CEASA. Para o grupo dos produtos com tradição de produção em SC, esse fator é quase que determinante para a determinação do preço, pois quando diminui a oferta dos produtos comercializados no setor não-permanente, com origem obrigatória em SC, o preço de comercialização é mais elevado, devido a necessidade do setor permanente buscar esses produtos em outras regiões do Brasil, com maiores custos de transporte e logística. Já para outros grupos de produtos com sazonalidade característica no estado Catarinense, o fator oferta local pode ser suprido por volume de produção em outras regiões, o que acaba por compensar no preço do frete, não configurando assim, em uma regra geral de aumento de preço praticado em função da sazonalidade.

Assim, não podemos generalizar e afirmar que os preços mensais praticados nos anos de 2018 e 2019 na CEASA sofreram variações ao longo do ano, motivadas pela baixa oferta do produto em períodos que o estado de SC não tem produção e/ou produção reduzida por fatores climáticos. Devemos analisar cada produto e considerar suas características conjunturais dentro da cadeia de comercialização nacional.

A greve dos caminhoneiros, em maio de 2018, foi um fator externo atípico, causador de grande desabastecimento, reduzindo substancialmente a oferta de produtos e, conseqüentemente, alta nos preços médios mensais praticados.

Para este trabalho foram utilizados dados de um sistema de gestão de dados em constante evolução, que foi implementado em 2018, dos quais foram realizadas grandes contribuições nos seus ajustes durante a elaboração deste trabalho, como a identificação de pontos a serem melhorados, desconformidades de informações e até mesmo, uma cooperação com o setor de informação e análise, gerando novas formas de divulgação de dados. Assim outras formas de coleta e tratamento de dados poderão ser implementadas, o que possibilitará estudos futuros a respeito da

comercialização dos hortifrutigranjeiros nas unidades das Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina.

Este trabalho auxiliou diretamente no desenvolvimento do setor de Informação e Análise da CEASA, contribuindo para um melhor desempenho do sistema de dados, corrigindo desconformidades de programação, dando maior acurácia aos dados, assim como uma oxigenação de ideias e formas de divulgação de dados, contribuindo para uma aproximação entre a Universidade Federal de Santa Catarina e os valiosos dados que a CEASA coleta, abrindo portas para estudos futuros.

Ainda, demonstrou a importância dos produtos com tradição na cadeia produtiva catarinense, uma vez que foi capaz de expressar o domínio destes em um setor ou outro, como o caso do repolho, que a demanda é praticamente pelo setor não permanente, demonstrando a importância da cultura para os agricultores familiares. Pode-se aproveitar ainda, o caso da melancia como uma potencialidade a ser explorada, uma vez que SC tem potencial produtivo para ocupar uma fatia maior desse mercado, servindo esse trabalho de base para a busca de maiores estudos em outras culturas, que poderão servir de ferramenta para tomada de decisão.

Nota-se que culturas como o repolho, banana, batata-doce e chuchu são fortes indicadores para o estado, no que diz respeito a promoção da agricultura familiar, uma vez que estes tem sua demanda suprida na CEASA, quase que na totalidade pelo setor não permanente. Outros produtos de sazonalidade característica, como a melancia, os citrus em geral e a batata inglesa, mostram-se como grandes oportunidades de incremento na participação, uma vez que, mesmo em períodos de safra no estado, não ocupam uma porcentagem considerável do total da demanda.

Cabe ressaltar porém, que a unidade de medida em quilograma, pode não representar a importância de algumas culturas, como é o caso das folhosas em geral, uma vez que a região da Grande Florianópolis é referência na produção deste tipo de produto, onde o peso não reflete o valor em R\$ que essas culturas podem trazer de retorno para os agricultores, ficando assim uma lacuna para novos estudos na área.

REFERÊNCIAS

ANACE. **Iniciada colheita da cebola em Santa Catarina**. 2018. Adriane Rengel. Disponível em: <http://www.anacebrasil.com.br/iniciada-colheita-da-cebola-em-santa-catarina/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

ANACE – Associação Nacional dos Produtores de Cebola (Brasília). **Associações Estaduais**. 2017. Disponível em: <http://www.anacebrasil.com.br/anace-nos-estados/>. Acesso em: 25 jan. 2020.

ABBA. Associação Brasileira da Batata. (Brasil). **História da Batata**. 2018. Disponível em: <http://www.abbabatatabrasileira.com.br/site/historia-da-batata/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

ANDREOTLI, Carlos M. et al (ed.). **A Cultura da Maçã**. Brasília: Embrapa, 1994. 107 p. (Coleção Plantar).

AZEVÊDO et. al., Cláudio Luiz Leone. **Sistema de Produção de Citros para o Nordeste**. 16. ed. Brasília: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 2006. Disponível em: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Citros/CitrosNordeste/index.htm>. Acesso em: 10 abr. 2020.

BAPTISTELLA, Celma da Silva Lago; COELHO, Paulo José; GHOBRI, Carlos Nabil. **A Bananicultura no Estado de São Paulo: 2014 a 2018**. São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, 2019. Disponível em: <http://www.iea.agricultura.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=14716>. Acesso em: 01 abr. 2020.

BOEING, Guido. **Batata: produção nacional poderá ser recorde**. Florianópolis: Epagri/cepa, 2008. 1 p.

BORGES, Ana Lúcia. **A cultura da banana: Embrapa Mandioca e Fruticultura tropical**. 3. ed. Brasília - DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 110 p.

BRASILAGRO. **Laranja**: Safra mundial cresce; oferta de suco avança mais do que a demanda. 2019. Disponível em: <<https://www.brasilagro.com.br/conteudo/laranja-safra-mundial-cresceoferta-de-suco-avanca-mais-do-que-a-demanda.html>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

CAMARGO FILHO, Waldemar Pires de; ALVES, Humberto Sebastião; MAZZEI, Antônio Roger. MERCADO DE MANGA NO BRASIL: contexto mundial, variedades e estacionalidade. : contexto mundial, variedades e estacionalidade. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 60-68, maio 2014. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/OUT/publicacoes/pdf/tec4-0504.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2020.

CARVALHO, Agnaldo Donizete Ferreira de et al. **A cultura do pepino**: circular técnica. 113. ed. Brasília: Embrapa Hortaliças, 2013. 18 p. Disponível em: <file:///C:/Users/Portaria1/Downloads/ct113.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

CEASA/SC – Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina. **Arquivo Institucional** – acervo. Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S/A. São José, 2019.

CEPEA. **Preços Médios dos Hortifrutícolas**. 2020. Disponível em: https://www.hfbrasil.org.br/br/banco-de-dados-precos-medios-dos-hortifruticolas.aspx?produto=6@iao%5B%5D=41&periodicidade=anual&ano_inicial=2017&ano_final=2019&pagina=1. Acesso em: 15 jun. 2020.

DOSSA, Derli; FUCHS, Felipe. **Cenoura**: produção, mercado e preços na ceasa-pr. Curitiba: Ceasa/pr, 2017. 8 p. (4). Disponível em: http://www.ceasa.pr.gov.br/arquivos/File/BOLETIM/Boletim_Tecnico_Cenoura.pdf. Acesso em: 05 abr. 2020.

EPAGRI/CEPA. **INFOAGRO**. Florianópolis: Epagri/cepa. Disponível em: <http://www.infoagro.sc.gov.br/index.php/safra/producao-vegetal>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

EPAGRI/CEPA. **SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA - 2018-2019**. Florianópolis: Epagri/cepa, v. 40, 09 jun. 2020. Anual. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese_2018_19.pdf. Acesso em: 11 jun. 2020.

FAO . **FAOSTAT**. Roma:, FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. 2017a. Disponível em: <http://faostat.fao.org/site/567/default.aspx#ancor>. Acesso em: 08 abr. 2020.

FAO. **Major Tropical Fruits**: Roma: Food And Agriculture Organization Of The United Nations, 2019. 38 p. Disponível em: http://www.fao.org/fileadmin/templates/est/COMM_MARKETS_MONITORING/Tropical_Fruits/Documents/CA2909E. Acesso em: 10 abr. 2020.

FAO. **Citrus Fruit**: Roma: Food And Agriculture Organization Of The United Nations, 2017b. 77 p. Disponível em: < <http://www.fao.org/3/a-i8092e.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

FAOSTAT. **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. Statistics Division. 2018 Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GALEANO, Edileuza Vital; MARTINS, David dos Santos. Evolução da Produção e Comércio Mundial do Mamão. In: VI SIMPÓSIO DO PAPAYA BRASILEIRO, 6., 2015, Vitória. **Simpósio**. Vitória: Incaper, 2015. p. 1 - 7. Disponível em: <<https://biblioteca.incaper.es.gov.br/digital/bitstream/item/1050/1/BRT-papayabrasileiro6-galeano.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

HENKES, Jairo Afonso. **CARACTERIZAÇÃO DOS AGENTES DO MERCADO ATACADISTA NA CEASA/SC – UNIDADE DE SÃO JOSÉ**. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/88960/232847.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

HOFFMANN, Rodolfo et al. **Administração da Empresa Agrícola**. São Paulo, Editora Pioneira. 1976, 323 p.

HORTIFRUTI BRASIL. Piracicaba: Cepea - Usp/esalq, v. 177, n.16, set. 2018.

Mensal. Disponível em:

<<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/edicao-de-abril-pequenos-mercados>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

HORTIFRUTI BRASIL. Piracicaba: Cepea - Usp/esalq, v. 171, n.16, set. 2017.

Mensal. Disponível em:

<<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/pequenos-mercados-grandes-oportunidades.aspx>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

HORTIFRUTI BRASIL. Piracicaba: Cepea - Usp/esalq, v. 52, n. 5, nov. 2006.

Mensal. Disponível em: <<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/ceasas-novas-estrategias-para-velhas-funcoes.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

HORTIFRUTI BRASIL. Piracicaba: Cepea - Usp/esalq, v. 156, n. 18, nov. 2006.

Mensal. Disponível em: <

<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/anuario-2019-2020-retrospectiva-2019-perspectivas-2020-dos-hf-s.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Agrícola Municipal 2016: informações sobre culturas temporárias. Disponível na Internet

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp>. Acesso em: 10 de abr. de 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Agrícola Municipal 2018: informações sobre culturas temporárias. Disponível na Internet

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.

KIST, Benno Bernardo et al. **Anuário Brasileiro da Fruticultura**. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta, 2018a. 88 p. Disponível em: <http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/04/FRUTICULTURA_2018_dupla.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

KIST, Benno Bernardo et al. **Anuário brasileiro da maçã**. Santa Cruz do Sul: Gazeta, 2018b. 60 p. Disponível em: http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/06/Ma%C3%A7%C3%A3_2018_Site-Editora.p. Acesso em: 15 mar. 2020.

KIST, Benno Bernardo et al. **Anuário brasileiro da maçã**. Santa Cruz do Sul: Gazeta, 2018b. 33 p. Disponível em: http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2019/06/MA%C3%A7%C3%A2_2019_DUPLA.pdf. Acesso em: 18 mar. 2020.

MATTOS JUNIOR, Dirceu et al. Citros. In: AGUIAR, Adriano Tosoni da Eira et al (ed.). **Instruções Agrícolas para as Principais Culturas Econômicas**: boletim 200. BOLETIM 200. 7. ed. Campinas: Instituto Agrônomo, 2014. p. 138-149.

NEVES, Marcos Fava; TROMBIN, Vinicius Gustavo. **Anuário da Citricultura**. São Paulo: Citrusbr, 2017. 60 p. Disponível em: <http://www.citrusbr.com/download/biblioteca/CitrusBR_Anuario_2017_alta.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

NUNES, Maria Urbana Corrêa; OLIVEIRA, Josias Braz de; FAZOLIN, Murilo. **Cultivo do Repolho no Acre**: circular técnica. 11. ed. Rio Branco: Embrapa, 1994. 20 p. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/163303/1/968.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

PARANÁ. DERLI DOSSA. . **TOMATE: ANÁLISE TÉCNICO-ECONÔMICA E OS PRINCIPAIS INDICADORES DA PRODUÇÃO NOS MERCADOS MUNDIAL**,

BRASILEIRO E PARANAENSE. 03. ed. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2017. 7 p. Disponível em:
<http://www.ceasa.pr.gov.br/arquivos/File/BOLETIM/Boletim_Tecnico_Tomate1.pdf>.
Acesso em: 15 jan. 2020.

PEREIRA, Arione da Silva et al. **Produção de Batata no Rio Grande do Sul**. 48. ed. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2005. 14 p. Disponível em:
https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/circular_48_000gvpkvcjn02wx7ha0g934vg7enojmg.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

RODRIGUES, Paula. **A história da cenoura**. 2020. Disponível em:
<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/49845405/a-historia-da-cenoura>.
Acesso em: 05 abr. 2020.

SÁ, Albanêz Souza de. Produção de batata semente em Santa Catarina. **Batata Show**, Itapetininga, v. 3, n. 1, p. 26-27, set. 2001.

SÃO JOSÉ. CEASA/SC. **Institucional**. 2017. Disponível em:
<<http://www.ceasa.sc.gov.br/index.php/institucional/a-ceasa>>. Acesso em: 08 nov. 2019

SILVA, João Bosco Carvalho da; LOPES, Carlos Alberto; MAGALHÃES, Janaina Silvestre. **Batata-Doce**. Brasília: Embrapa Hortaliças, 2008. Disponível em:
https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Batata-doce/Batata-doce_Ipomoea_batatas/intr. Acesso em: 10 abr. 2020.

TRANI, Paulo Espíndola; PASSOS, Francisco Antonio; ARAÚJO, Humberto Sampaio de. **Calagem e adubação do pepino**. Campinas: IAC, 2015. 13 p.

VIEIRA, Durval Júnior Vargas. **Análise da procedência e da sazonalidade da “Salada de Frutas” Catarinense**: Um estudo de caso na Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina – CEASA/SC (Unidade São José). 2017. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Gastronomia, Campus Florianópolis - Continente, Instituto Federal Catarinense, Florianópolis, 2017.